

“Mercito Mad Bass, Garboso, Caveira e sua contrafação armada chamada DK, Breno, certos urubus apocalípticos, Amanda, Bienkowski, Tamirez... Assim, num entra-e-sai de tipos (tão estreados quanto os autores) – ora farsescos, ora “realistas”, ora prosaicos e mundanos, drogabêbados, ora querendo romper as fímbrias da aurora excessiva e perversa da cidade, ora fundando dentro de si espaços (cavernas, santuários, tumbas, sanatórios, panóplas) em que reconstituir a vergonha e o desamparo próprios da vida – assim, este pequeno volume de contos, nascido do destemor e da teimosia em manter ereta mas flébil a chama da juventude, nos oferece um recorte razoável do que pensa, lê e escreve representantes de uma geração e de uma certa periferia urbana destas «metrópoles de porte médio», tão múltiplas quanto cruéis, tão previsíveis quanto enigmáticas.

Nos textos dessa coletânea, lirismo e abjeção, epifania e visceralismo, altos e baixos sentimentos correm por riachos gêmeos, cruzam patamares e porões irmãos, nas diferenças significativas de tessitura narrativa entre os autores, mas com sutis e delicadas afinidades que se realizam na capacidade de simbolização de uma época, de um ethos no claro-escuro, da existência neste lugar e neste tempo.”

- Os editores

Os Autores:

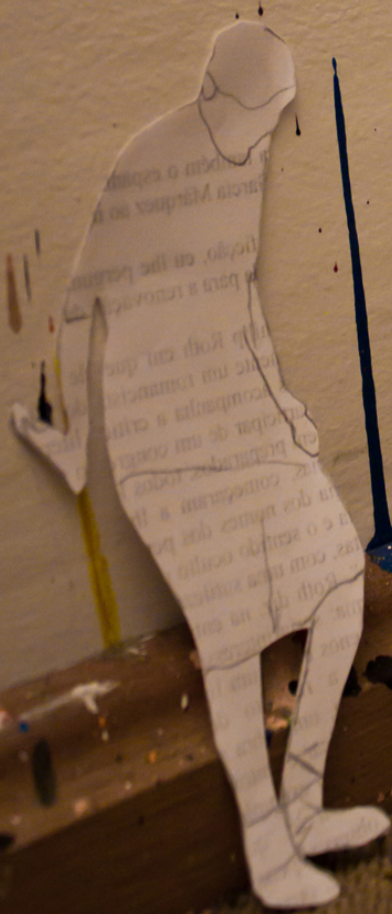
César Mateus nasceu em 1983, em Caxias do Sul. É virginiano, mas for a do esquadro e, assim como a maioria dos cachorros que teve, não possui raça definida.

Maikel de Abreu nasceu interrompendo o almoço de sua mãe, em 1981. Atualmente vive em uma espécie de república para artistas independentes, “A família Cruzeiro”, em Caxias do Sul.

CESAR MATEUS  
MAIKEL DE ABREU

# COURO ILEGÍTIMO

& OUTROS CONTOS



A close-up photograph of a horse's head, focusing on its eye and the texture of its brown fur. The lighting is dramatic, with a strong highlight on the right side of the horse's face, creating a sense of depth and texture. The overall mood is somber and contemplative.

# couro ilegítimo

Maikel de Abreu  
Cesar Mateus



# Couro ilegítimo e outros contos

Cesar Mateus | Maikel de Abreu

Copyright desta edição: César Mateus e Maikel de Abreu  
Editores: Camila Cornutti, Cristian Marques e Marco de Menezes  
Preparação dos originais: Marco de Menezes  
Projeto gráfico: Camila Cornutti  
Capa: Camila Cornutti e Fabiano Scholl  
Foto de capa: Fabiano Scholl  
Revisão: Germano Weirich, Marco de Menezes e Mônica Chissini  
Tradução da Epígrafe: Aydano Arruda

2012

Dados internacionais de Catalogação na Fonte (CIP)

M425c Mateus, César

Couro Ilegítimo e outros contos/ César Mateus, Maikel de Abreu \_ Porto Alegre:  
Modelo de Nuvem, 2012.

ISBN 978-85-63057-12-9

1. Contos brasileiros. I. Abreu, Maikel de. II. Título

1- Contos brasileiros 821.134.3(81)-34  
Catalogação elaborada pela bibliotecária  
Maria Nair Sodré Monteiro da Cruz CRB10/904

Financiarte-Caxias do Sul-RS

Direitos reservados: Editora Modelo de Nuvem  
Rua Martins de Lima, 25/ 602 – 91520-000  
Porto Alegre-RS  
[www.modelodenuvem.com.br](http://www.modelodenuvem.com.br)

Sumário

*Cesar Mateus:*

**Couro ilegítimo | Crimes | A avenida | Talvez outono | Poderia primavera | Sete desgraças | Infâmias | Tamirez de costa a costa | Líquido | Bang-bang italiano | Cassandra**

\*\*\*

*Maikel de Abreu:*

**Finados | Dead man walking | Última placa | Cabeça no vidro | Macacos, ratazanas e pássaros | Ela, Amanda e eu | Mercado Mad Bass | Caveira | Quem vai | Os urubus do parque industrial | A arte de deflorar**

\*\*\*

*Maikel de Abreu & César Mateus:*

**Pequenas falsidades**

"Nada se propõe que possa durar mais do que vinte e quatro horas. Estamos vivendo um milhão de vidas no espaço de uma geração." (Henry Miller)

CESAR MATEUS

para Cardoso e Cacinha

## Couro ilegítimo

Era a hora mais fria, um pouco antes do nascer do sol. Não havia mais ninguém na lancheria-bar-café fora o dono, que com o rosto congestionado do sono assistia passivamente à televisão. Os dois bebericavam seus cafés, o dela com leite, o dele preto e sem açúcar. Tinham quase a mesma altura, mas ele de forma alguma poderia ser considerado um nanico, algo na mamadeira dessas meninas fez com que elas crescessem tanto. Na tela a repórter informava as temperaturas, cinco graus, parecia menos, o vento entrava por baixo da porta de ferro e enregelava as canelas nuas dela. Ele usava botas por cima da calça, como as amazonas, ela usava meia-calça furada, que não ajudava em nada. Seus cabelos já tinham sido maiores, a maioria dos fios era negra como corvos, mas havia também alguns loiros e outros, em menor número e mais em baixo, eram brancos. Seu companheiro tinha cabelos ainda mais negros e volumosos, mas o corte era curto, perto da testa eles eram puxados para cima, para formar um muro, uma barreira, só dessa forma esse modelo era justificável. O rosto moreno era magro e ossudo e a pele era impecável, lisa e sem qualquer marca. Seus olhos castanhos, bem escuros, agora analisavam o rosto feminino do outro lado da mesa. Era ainda mais pálido nessa altura da madrugada, e essa brancura fora o seu principal charme no começo da carreira, hoje só deixava ainda mais claras as cicatrizes e evidenciava as marcas negras perto dos olhos. Em outra época ela usara lentes azuis, hoje se contentava com o castanho claro sem brilho e que apresentava os primeiros traços de miopia. Da maquiagem restara o batom de um vermelho desbotado. Combinava com o sobretudo também vermelho, mais escuro nas mangas, no colarinho e na mancha de vinho tinto na abertura perto dos seios. Dentro dele usava uma estranha combinação em couro ilegítimo, até acabar nas botinhas sujas com a lama do seu bairro. Ele morava mais perto, apenas concreto e asfalto e às vezes alguma poça d'água. Vestia também um blusão negro de gola rolê, jaqueta e uma manta de um verde demasiado chamativo. Não estava maquiado e batia os pés no chão para esquentá-los.

Conheciam-se há mais ou menos três meses, desde que ele conseguira o emprego. Ele não simpatizara com nenhuma das outras, um olhar frio de inveja o atacava toda vez que ele passava no meio do salão. Ela não, ela era verdadeira, sabia palavras bonitas que ele gostava de ouvir, e de outras bocas ouviu que ela chegara a entrar na faculdade. Mas isso fora antes, quando era realmente bonita, quando ganhava o que pedia, quando chamava a atenção na rua, não pelas cores, mas pelas formas. Ela gostava de olhar para ele, achava-o bonito, e sentia pena quando se lembrava que os seus destinos eram os mesmos. Ela se considerava sua irmã mais velha, e atendia a todos os seus desejos como outrora outros atenderam aos seus. Agora para ela restava o café com leite, pois ela já não tinha disposição para ficar acordada, a ele servia o café preto, porque mesmo no seu auge não acreditava em uma vida doce.

## Crimes

Estou ainda cheirando a cigarros, sentado em uma cadeira de plástico amarelo, com os menores olhos do mundo. A sensação que se repete é a de que se conseguirmos atravessar essa tarde tudo melhorará. Sim. Porque a perturbação vem desse silêncio, desses grandes blocos de ar que não se movem. Passos lentos, frases arrastadas. Quem fica não procura empatia, não precisa se esforçar, afinal já está pagando seus pecados aqui mesmo, na Terra. E dessas bocas cerradas que desejam mais do que tudo, por inércia talvez, continuarem fechadas, saem as palavras, frases que são as bases de toda nossa comunicação. Um rosto jovem geme na tentativa abafada de raciocinar. Sua expressão facial é incrível, quase acredito na sua dor, mas suas roupas me fazem voltar à realidade. Ele está a poucos metros de mim, posso analisá-lo com perícia graças aos meus óculos escuros, óculos esses que só me vão cegar antes do tempo. O rapaz emperrou em um ponto em que sua boca ficou suspensa, uma imagem presa à eternidade, não sairá nunca mais do lugar. Ele me entedia mais do que eu mesmo. Uma façanha. O sol, um pouco de vento, precisamos limpar esse sangue logo, até a noite. Antes olhar, os passos sincronizados, as mãos suadas, o peso do mundo em um jovem casal feio e vulgar, unidos contra o mundo, lutando entre si. Deveria haver uma outra solução, é um belo dia se formos observar, mas então por que impomos esse ritmo cotidiano, esse dar as costas, essa insustentável altivez que não combina com o calor que faz. Alguma publicidade foi muito bem feita e ela era extremamente mentirosa, e mesmo mentindo o tempo todo, para todo mundo, pelas mais diferentes razões, quando vemos assim uma mentira tão exposta, tão óbvia, nos sentimos ultrajados, punhos cerrados, a hora da verdadeira luta chegou e o cinismo não é permitido. Enquanto esperamos, uma nuvem tapa o sol, descansamos os olhos por alguns minutos, um momento entre tantos que não será aproveitado, a não ser se considerarmos arrancar pedaços de tinta da mesa, algo enobrecedor.

Entretanto ela volta, trazendo copos negros-esverdeados, para chegarmos até a noite, como se ela fosse a única coisa incansável, o único motivo para existir. Como todos os outros, somos lentos, vagarosos, repetindo as poucas palavras que sabemos até o infinito. Fazemos o que todos os outros fazem, nem melhor, nem pior, e assim não justificamos nossa existência. Apenas sugamos até a última gota e suamos sem desejar, por poros até então inexistentes. O milagre do conhecimento não fica tão belo junto ao câncer. “Tem certeza que não quer ir no parque?” Tenho. Ficar quebrando galhos secos por toda a tarde não é melhor ideia para passar o tempo. Ela me olha, não responde, seria perda de tempo gastar a tarde com palavras, com análises e explicações. De alguma forma existe mais apatia do que ódio, podemos nos desvencilhar um do outro a qualquer momento. A armadilha já não tem utilidade.

O olhar mostra, sem ser sarcástico, as saias e os cabelos presos. Ontem eu tinha certeza, hoje já não mais. Será necessário quatro paredes? Proteger e prender - tateando procuramos a diferença. Eu nunca poderia, nunca conseguiria, com todos esses demônios, com todos esses maus espíritos. Suor acima dos lábios. “Mas de noite tu vai querer fazer alguma coisa? Sair?” O charme falho é uma tentativa de reviver Hollywood nos anos cinquenta. Baixam-se os óculos, pisca-se com malícia. Sua reação é um suspiro, palavras se formam em sua boca, xingamentos provavelmente. Atravessam os dentes, mas não atravessam os lábios, atingem o céu e se tornam gastrite nervosa. Em uma outra época ela me perguntaria, estaria curiosa, interessada, hoje ela tem pouca paciência e eu não a surpreenderia por nada nesse mundo. Somos feitos do mesmo polo. Negativo? Provavelmente. Ela segura o copo no ar, também não tem pressa, também não tem vontade. O parque permanecerá até o apocalipse, temos mais alguns anos. Na sua tentativa de enxergar ela confunde as coisas. Eu sorrio. Ela se irrita. Já não me

controle. Os transeuntes não entendem o porquê daquela cena, não entenderiam a graça nela contida, eu também não saberia explicar, mesmo com a tarde inteira pela frente.

## A avenida

O caminho era curto, mas para pernas cansadas é um martírio. As dores nas palmas dos pés contrastavam com a pressa em chegar, poder descansar, poder botar os pés para o ar e sorrir, finalmente, aliviada. Enquanto caminhava as poucas quadras que separavam a lancheria da parada de ônibus, tentava pensar em variadas coisas, apenas para distrair a dor. Planos para um futuro imediato, para o fim-de-semana, talvez para o mês que vem. Quem sabe talvez o Jorge conseguisse uma folga, e então eles poderiam viajar para a chácara com as crianças. Gostaria de reencontrar mais os parentes, gostaria de convidar os amigos para jantar. Talvez no futuro, quando não precisasse ficar em um pé só para aguentar a dor.

Depois de muitos dias como esse, já não se importava de sentar-se na penumbra para aguardar pacientemente. Se estivesse em um filme, e se fosse uma adolescente loira, uma cheerleader qualquer, seus amigos, pais e professores lhe diriam “não pegue o ônibus naquele lugar”, e ela certamente pegaria e certamente seria estrangulada. Mas esses conselhos não lhe foram dados, ninguém se importava onde ela pegava o ônibus e ninguém iria estrangulá-la. Ela iria sentar, iria gemer de satisfação, iria esperar como que anestesiada e por fim entraria no ônibus, autômata, cumprimentaria o motorista e a cobradora sem saber por que, apenas porque fazia isso todo dia.

Porém, naquela noite, no meio do verão, sua atenção foi desperta. Depois de largar as sacolas no chão notou dois vultos do outro lado da rua. Eram mulheres, mas não conseguia precisar a idade, apenas notou que uma delas girava. Apertou os olhos, mas de nada adiantou, eram apenas borrões. Não conseguia entender o que elas diziam, pareciam uivar antes de falar qualquer coisa. Notou que os carros diminuía a marcha, e ouvia então risadas e mais gritos. O ônibus chegou quando ela começava a gostar.

O outro dia passou como os demais, a diferença foi a sua excitação antes de ir embora. Preparara tudo antecipadamente. Caminhou rápido até a parada e tinha os óculos à mão. As moças não eram tão jovens quanto pensava, e as roupas muito curtas até para o verão. Gostava de ver especialmente a reação dos carros. Gritos, buzinas, rostos carrancudos - as frases eram ditas e ela não podia ouvir, mas tentava imaginar. Porém, mais que tudo, gostava de vê-las rodar, compenetradas naquele espetáculo surrealista. Elas lhe mandavam beijos, aos quais ela sempre retribuía com acenos e sorrisos.

Entretanto, as folhas começaram a cair e as noites já não eram agradáveis, ela perdeu suas amigas. Havia de dobrar suas próprias forças para não só caminhar até aquela parada perdida na escuridão, mas sim para aceitar a ideia de que não poderia ser verão sempre.

## Talvez outono

Embaixo de uma pilha de folhas de papel, todas mortas, estava uma foto em preto-e-branco. Embaixo dessa, outra foto quase igual à primeira, colorida. Nenhuma possuía qualquer sentido, ambas mostravam uma estrada poeirenta, latas de lixo comuns e uma luz pálida em volta de tudo. Havia também uma árvore quase sem folhas. Havia quase me esquecido dessas fotos, quase havia me esquecido desse dia. Passei quase todo ele com uma forte dor de estômago, mas gostava dele por ser frio e claro. Depois disso, meus sapatos ficaram cobertos de poeira, meu chapéu também. Quase havia me esquecido do chapéu, ele se fora com o vento.

Hoje é difícil me ver sorrir, naquela época também. Ou seja, nada mudou. Ninguém muda de verdade. Trocamos de roupa ou de fígado, mas no final são os mesmos pecados a serem expurgados. Para mim, o pecado mais importante sempre foi o pecado da dúvida. Eu duvidei, e hoje continuo duvidando. Naquele dia duvidava do fim, e por isso a certeza não me vale de nada. Naquele dia, as folhas haviam sido varridas para o seu canto, e eu passava no meio da estrada pensando possuir, senão o mundo, ao menos uma parte dele.

No final o que prevalece são as diferenças. Não conseguíamos concordar nem quanto ao clima, nem quanto às cores. Eu sempre preferi o marrom esverdeado ou vice-versa, nasci no signo da colheita, eu acho. Ela por sua vez preferia o azul e o amarelo, e eu repetia que as cores primárias eram as mais chatas. O pouco que consigo me lembrar da escola são essas cores, os solstícios e equinócios, e o triângulo retângulo, mas tudo isso ela já sabia, e então eu em nada poderia ensiná-la. Estava preso à má educação.

Por isso eu nada respondia, suas perguntas eram sempre muito difíceis, envolviam o futuro e o passado de uma forma só, e eu estava enferrujado, marrom avermelhado, mas a vergonha nunca poderia ser vista pelas cores, apenas pelos meus lábios e mãos que tremiam.

Muitas horas foram necessárias para ela dizer qualquer coisa pessoal, tudo tão óbvio, tão bem estudado que chegava a me dar náusea. Eu gritava de uma forma estranha – de uma forma desafinada. Na minha paixão, espremia de forma tosca todas as minhas falhas apenas para vê-la sorrir. Mas ela não sorria, apenas concordava com a cabeça, me deitava no seu colo, dizia frases feitas. Como não fugir a tamanha humilhação? E tanto nos sonhos como nos pesadelos eu corria sem descansar, impressionado em como as minhas pernas pareciam que não saíam do lugar. Mesmo assim eu corria, era (talvez ainda seja) a melhor coisa a fazer.

Ambos gostávamos de imagens poéticas, sem saber o que isso significava de verdade. Éramos seduzidos por qualquer cor diferente, por qualquer pôr-do-sol avermelhado. O céu azul do outono, as folhas mortas, por que não eternamente assim? Eu poderia deixar algumas semanas para a primavera, umas três ou quatro e depois o verde, o marrom e o azul para sempre. Mas eu não servia para ser deus, meus preconceitos estavam muito bem enraizados. Só pedia um pouco de ar puro e quem sabe algum *fog* no meio da tarde, apenas por diversão.

Ela não gostava de chuvas e neblinas. “Atrapalha a minha visão”, dizia, e por isso nunca daria certo. Quando duas pessoas altamente visuais se juntam, pouco espaço sobra para os sentimentos mais sinceros. Estávamos sempre maquiados, sempre prontos para um embate que nunca aconteceu.

Hoje, porém, o calor é excessivo, a poeira penetra em olhos e narinas, e eu desejaria dormir por meses, até o vento voltar a soprar. Voltaria quando ar e água se confundissem num só, assim como eu me confundi, e por isso, ainda hoje, não sei mais o que sou. Além desse rosto marcado pelo tempo, e por essa forte tendência para a

reclamação. Algo de genético que pula cinco ou seis gerações. Mas não, hoje não é um bom dia para sentir pena de si mesmo.

Ela não sentia nenhuma pena. Não se poderia dizer que gostasse de me ver sofrer, porque é difícil dizer se algum dia sofri de verdade. De qualquer forma ela eliminava a escuridão onde nos escondíamos tão bem, eu e ela juntos éramos um bonito exército de sombras. E por inveja me atacava, dizia que eu era mais legal quando bebia. Até agora não entendi se isso foi ou não um elogio. Mas é verdade que sempre foi difícil fazer amigos sóbrio, havia sempre alguma dominação, liberto no álcool eu declarava as minhas paixões. Ébrio eu me agarrava a ela com violência, queria deixar de existir nela, queria a nulidade para provar a minha devoção.

Mas ela era correta demais, visual demais e os olhos alheios eram os seus olhos, enquanto os meus eram turvos. E quanto mais turvos eram os problemas, mais claras eram as minhas obsessões, e elas continuavam a crescer e crescer, enquanto os meus olhos não podiam se fechar. Mas um dia eles se fecharam e abriram de novo, e as fotos foram parar embaixo de outras fotos, embaixo de outras folhas cheias de palavras natimortas. E o sol me atingiu no rosto e me obrigou a acordar. Acordado eu caminhei com passos vacilantes para qualquer parte. Matei a sede, mas dessa vez sem palestras sem fim. Andei por noites enluaradas cantando exilado na rua principal. Minha voz no telefone era pausada e tranquila, e em outro dia alguém me dirigiu um sorriso de boa vontade.

Mesmo assim essas fotos ainda ficarão comigo, não contribuirei com a reciclagem do lixo. Serei tão mau e obsessivo quanto antes. Beberei da água suja, apenas porque ela me deixa mais feliz. Aplaudirei a dança, mesmo quando ela for indecente. E cantarei bem alto e desafinado, pois esse é o único jeito que sei cantar.

## Poderia primavera

A noite se aproximava do fim, foi um dia quente de primavera, e nada, nem ninguém no mundo estava preocupado com a felicidade dele e por isso ele se sentia em paz. Em uma outra hora, em outro tempo, ele se preocupou com a felicidade, a dele e a dos outros. Agora não, agora tudo eram cinzas, era poeira na ventania, um uivo na madrugada. Fazia tempo que ele não se sentia assim, de fato tenho minhas dúvidas se algum dia ele já teria se sentido dessa forma. Nenhum rancor, nenhuma raiva, nada. Apenas aquele imenso espaço vazio. As palavras já não eram mais razoáveis, apenas uma vinha em sua mente a toda hora: TABERNÁCULO. Mas as razões eram desconhecidas, não se lembrava de tê-la ouvido ou lido recentemente, acho até que desconhecia o significado da palavra.

Os primeiros raios de sol começaram a entrar furtivamente pelas frestas da janela, e ele pensou em por que não continuar acordado para sempre, prestar a atenção devida aos mínimos detalhes, às menores falhas. Ser um observador em tempo integral. Nada poderia tocá-lo e ele não tocaria em ninguém, um nada eterno.

Alguns minutos de devaneio e então, pronto, a realidade reaparece em forma de claridade. Ele abre as janelas, é uma bela manhã com certeza, o que não quer dizer nada. O sono e o álcool lhe atacam ao mesmo tempo, ele se estira na cama com o sol na cara e dorme então o sono dos vencidos.

Não sonhou com nada, e só acordou porque um carro, – que ao invés de motor tinha caixas de som – passou embaixo da sua janela. E no ritmo do batidão ele acordou, olhou pela mesma janela e viu sem empolgação que aquele era um dia igual aos outros.

O domingo precisava ser salvo de alguma maneira. Não foi abrindo a geladeira que ele conseguiu, isso apenas serviu para mostrar-lhe que estava com fome. Fez as contas e percebeu que havia quase vinte e quatro horas que não comia. Tomou um gole do vinho que havia sobrado e saiu para a rua com esse grande vazio existencial no estômago chamado fome.

Seu apartamento não ficava longe do centro, por isso foi a pé. Entrou na primeira lancheria que se deu por conta e pediu um sanduíche. Até que ponto isso foi importante, eu não sei. Foi depois de tomar o café preto que teve a decisão de ir até o parque. A natureza o chamava: o céu azul, as árvores verdes, o sol intenso. Por um momento se sentiu um pouco mais patriótico, mais poético também. Lembrava-se com saudade dos momentos que tinha passado ali, na sua adolescência promissora de aventuras. Comparava a vida que imaginara naquela época com a atual, mas não conseguiu chegar a qualquer conclusão. Não saberia dizer quais decisões foram acertadas e quais não. O que tinha perdido, o que tinha ganhado, nunca iria saber. Os pensamentos passavam suaves e rápidos em sua mente, sem o grande esforço a que era acostumado e que o irritava.

Essa calma só foi perturbada à vista dos casais no parque. Não conseguia lidar com os seus passos lentos, suas mãos ligadas, os sorrisos e os olhares sem sentido para ele. Era uma mentira da qual não queria fazer parte. Ele já vira nos filmes e nos comerciais de margarina, mas nunca lhe parecera natural – um dever como qualquer outro. Mas, por falta de vontade ou de algo melhor a fazer, continuou o passeio, interessado mais nos balanços velhos e nas bostas de cachorro do que nas pessoas.

De repente, pareceu-lhe ter visto uma figura conhecida, caminhou alguns metros para ter certeza, quando a própria figura lhe acenou. Sentado em um declive de grama, um pouco maltrapilho com a barba a fazer, estava um antigo amigo seu. Fazia talvez uns dez anos que não se viam, apesar de ainda morarem na mesma cidade. Ele o cumprimentou com um aperto de mão mole e continuou a olhar fixo para o nada. Sua

conversa não passou de banalidades corriqueiras, eles que no passado já tinham discutido os problemas do homem e do mundo, sobre suas angústias, sobre os sonhos mais impossíveis, agora tinham aquela conversa pequena e banal dos senhores pelos quais não tinham simpatia. Um “até logo” e um “nos falamos”, e se separaram envergonhados, sem saber o que fazer com as mãos e com o rubor nas faces que não podiam controlar. Sabiam as desgraças um do outro, mas nenhum se atreveria a comentar qualquer coisa. Havia um muro de dias e meses os separando, um muro feito de vazio.

No caminho de volta, todas as perguntas foram absorvidas pela imagem do seu amigo. Já não se reconheciam, sentiram falta um do outro sem se dar conta, e no momento em que se reencontraram apenas um sentimento de culpa e de falta era possível. Aquele encontro não poderia ser agradável, suas vidas haviam transformado seus egos no que havia de pior. E por isso ao se verem de novo abriram cicatrizes nas quais não era possível ver o sangue. Não eram mais jovens, nem velhos, eram apenas o domingo, eterno em sua beleza que nunca seriam capazes de apreciar, porque nunca poderiam apreciar algo que não fosse a sua semelhança.

## Sete desgraças

Acordei com uma chuva atravessada que me perseguira por toda aquela semana. Uma chuva fria e insistente de inverno, que no litoral não diminui ou aumenta a melancolia, apenas a transforma. Acostumando-me à luz, percebi que já era final de tarde. O copo ao meu lado agora estava vazio, Aleksandróvna partira para uma existência etérea onde poderia dançar sem ao menos precisar de música. Respirei o ar puro, tossi, forte indício de que um resfriado logo chegaria.

As conversas silenciaram quando eu entrei na casa, mas nunca poderia supor que eram sobre mim, por isso, ainda um pouco sonolento, sorri. Sofia me encarou séria. Pablo, do outro lado, quase deitado no sofá, assistia televisão, e me fez um aceno de simpatia. Liza (gostava que a chamassem por Laisa) me ofereceu uma cadeira, um copo com a velha camponesa e perguntou se eu havia dormido bem. Havia sim, até demais, estava com trabalho atrasado e não sabia por onde começar, não queria começar.

Sofia parecia ter por meta ignorar-me. Seu natural ar frio – raramente aquecido por gritos de entusiasmo – e gargalhadas que amedrontavam. Naquele instante ela era glacial, como se o seu ódio contra mim fosse algo sólido. Ignorante do que poderia ter acontecido, sentei-me e bebi um longo gole para que talvez alguma resposta surgisse de tanto açúcar. “Ouvi que amanhã vai ter sol”, comentou Liza em um esforço de construir uma conversa. Respondi que não acreditava nesse tipo de previsão e que não acreditava em previsões, especialmente astrológicas. Sofia, que não entendeu a ironia tosca de meu comentário, saiu sem dizer nada.

Minha intimidade com aquele trio era de poucos dias, uns diriam quatro, eu direi três. De qualquer forma nessas poucas horas de conversa e tempo matado junto a eles pude perceber alguns detalhes das suas personalidades que talvez eles gostariam de manter em segredo, mas os quais eu não fazia questão alguma de explorar, afinal minha personalidade caduca já me trazia problemas em demasia. “Estamos combinando de fazer algum jogo hoje de noite, o que tu acha?” Gostava de jogos, a maioria deles, exceção feita àqueles em que, em algum momento, você tem de ficar nu ou comer um invertebrado. Muitos foram sugeridos e Pablo, que possuía qualquer coisa de dramático, decidiu por mímica. Como não fora feito para mexer braços e pernas, achei aquilo tudo infantil, o que queria dizer que eu fatalmente perderia e que achava uma desculpa antes de começar. Mas fui voto vencido. Contava agora com Aleksandróvna e seus véus para me ajudar nessa difícil tarefa.

Antes de descobrir esse grupo, perambulei por essa cidade fantasma por dois dias sem encontrar nada. Passava no supermercado vazio, caminhava pela areia úmida e admirava as nuvens escuras sobre o mar. Porém, de uma hora para outra, percebi gritos animados vindos de não muito longe de casa. Uma partida de voleibol acontecia. Com a furtividade de um Jimmy Stewart ou Cary Grant tentei acompanhar a partida incógnito. Mas fui descoberto, e a partir de então não seriam apenas os cachorros vagabundos a me fazerem companhia. E também, por essa mudança do destino é que eu estava a balançar os braços, enquanto os outros gritavam as respostas mais absurdas.

A luz fraca da manhã pouco pode me dizer. Uma colina de cobertores por fim se revelou nada mais ser do que Sofia, que dormia um sono profundo. Olhei minhas vestimentas e percebi que elas não eram necessariamente minhas. Foi com algum esforço que consegui distinguir flores estampadas na minha calça e aos poucos, como aquela velha imagem da neblina que se dissipa, minhas lembranças foram voltando desordenadamente, respondendo as minhas perguntas.

Existia em nosso sarcasmo e cinismo pouco mais do que uma atração involuntária, não correspondíamos de forma alguma às projeções do outro. Acostumada

à intimidade de anos de um noivo mais velho, mais alto, mais forte, Sofia não poderia me aceitar com todas as minhas fragilidades, com todas as minhas dúvidas, com todas as minhas idiossincrasias. Procurava e continuaria a procurar apenas aquilo que de alguma forma suprisse suas vontades mais primitivas, o que poderia se dar na forma de um nariz quebrado, um cabelo longo ou na maioria das vezes uma barba preenchedora. Minhas sutilezas não combinariam com o ideal que ela fazia do macho que agia por puro instinto, que a surpreenderia, que fazia de suas vidas uma aventura perigosa. Eu apenas serviria de companhia à sua mãe com minhas falsas amabilidades, minha tendência para o nostálgico, para aquilo que às vezes a memória desfigura. Por outro lado, a sua figura rude, talvez um pouco masculinizada, de corpo reto e corte de cabelo curto, não deveria me agradar. Achava suas ideias simplórias, suas atitudes infantis, com tendências a caprichos, uma explosão de amargura que só poderia levar a uma relação doentia, onde um teria que fazer o papel de amante atemorizado e insensato.

Mas não parecia que a razão e o raciocínio estivessem ao nosso lado. A sua respiração forte funcionava como o anúncio de que alguma coisa passaria a dar errado. Minhas dúvidas de como agir, do que dizer, só eram menores do que as dúvidas que eu tinha em relação aos acontecimentos. Parecia que nossos corpos possuíam uma vontade própria, maior que nossa zombaria. E agora eu devia lhe dar bom-dia.

Pedaços do quebra-cabeça aos poucos foram sendo montados. Primeiro, a euforia do álcool que nos conduz às mais extravagantes ações. Sem o domínio do meu corpo e da minha fala empunhei o violão de Pablo e cantei algumas canções de Lelê e Jimmy, e porque ela era só uma mulher é que nossos olhos se cruzaram e um sorriso quase imperceptível pousou-lhe nos lábios por instantes. Outra lembrança fragmentada era de Sofia soprando suas franjas com prazer desconhecido. Ela estava alegre, e quando fiquei a sós com Pablo, que demonstrava qualidades artísticas muito superiores às minhas, não notei o complô que se formava. Fingi um olhar de inteligência que não enganou ninguém e em seguida fui chamado em particular por Liza. A lembrança seguinte é de passos vacilantes na areia, de sorrisos medrosos e risadas que nada possuíam. O nervosismo não era só meu, pois a mão fria tremia também por um outro motivo, e depois veio o silêncio das ondas que era quebrado de vez em quando por uma voz fina e carinhosa, até então desconhecida, que me perguntava coisas das quais ela já sabia a resposta, mas que eram imprescindíveis para a continuação do enredo.

Liza me estendeu a lata gelada e eu me sentei na toalha ao seu lado. Ficamos ali estudando o mar por alguns bons cinco minutos, “tu sabe que não vai rolar mais nada?”. Meio pergunta, meio afirmação, ela dizia o que eu já sabia e não fazia questão de explicações, “sim, já sabia de tudo desde o início”, cobri os olhos com as mãos, finalmente saíra o sol tão prometido, “ótimo, porque ela me pediu para falar contigo, não quer que tu pense algo errado sobre ela”, pensava na verdade em Liza, em como as coisas teriam sido mais fáceis com ela, mais sadias talvez, afinal ela era mais simpática do que Sofia. Mas não era assim que as coisas aconteciam, elas percorriam caminhos tortos e acabavam em becos. Um olhar de entendimento bastou para que nossos dias fossem preenchidos de meias palavras, frases entrecortadas, que nada diziam, mas que gostariam de dizer tudo. No final ficamos com essa lembrança opaca, esse foi mas não deveria ter sido, essas memórias que apenas a água fria traz.

## Infâmias

As persianas estavam escancaradas, mas os vidros estavam fechados. Donatello Apinetti, sentado com o rosto quase tocando a janela, assistia imóvel o que acontecia na estranha praça em forma de triângulo retângulo em frente a sua casa. Lá fora o movimento de carros e pessoas era mínimo, um vento de cortar a pele inibia qualquer um de sair de casa, apenas algumas folhas velhas e mortas dançavam lá embaixo, enquanto as nuvens cobriam todo o céu como uma lâmina de prata.

Dentro do quarto a desolação não era menor. Sentado com um velho cobertor nas costas, Apinetti pouca coisa possuía ali ou em qualquer outro lugar. Um grande armário de madeira escura, uma velha cama que fora sua há quinze anos e uma pequena estante, onde uma televisão ficava ligada quase vinte e quatro horas por dia.

Não fazia muito tempo que ele voltara à casa paterna – por isso os móveis arranjados da forma mais rápida possível, com o que tinha sobrado, com exceção de um puff peludo, último e único item que conservara do seu passado recente. Ele lhe ficava aos pés quando observava a rua, para que ele pudesse de tempos em tempos abraçar seus joelhos e por alguns instantes, sem uma razão definida, se sentir mais seguro.

Quando ficava horas e horas assistindo aos programas que ele tanto repugnava há tão pouco tempo, ou quando ficava assim nessa contemplação do nada, tão estranha a todos, o passado sempre lhe vinha assaltar os pensamentos. Impositivos, insensíveis, não lhe perdoavam uma hora do dia, e lhe atacavam à noite com estranhos pesadelos. As cenas que tanto marcaram a sua vida eram vistas e revistas com o cuidado meticuloso de que ele tanto se orgulhava. Cada frase, cada palavra, cada pausa ganhava uma importância antes nunca vista. Tudo o que sentira: raiva, orgulho, vergonha, voltava sem permissão e com a impressão de serem infinitos.

Uma das lembranças que mais lhe vinha à mente era a da primeira vez que ouviu falar nele. Na verdade ele nem deveria estar escutando aquela conversa, tão juvenil e tão sem propósito. E sempre que escutava as estagiárias falando sobre os homens das suas vidas, ele fazia uma careta desdenhosa ou simplesmente dava-lhes as costas, em sinal de desaprovação – afinal a sua vida tinha propósitos mais nobres do que romances adolescentes imbecis que eram seguidos por dramas o tanto quanto. Mas naquele dia específico, um pequeno trecho da conversação atraiu-lhe a atenção, uma delas contava como tinha conhecido o seu novo namorado, um affair como ela dizia, em um concerto na igreja. Seus grandes e receptivos olhos azuis se enchiam de alegria ao relembrar dos olhares que recebeu do terceiro violinista, que para ela, na sua sincera modéstia, era um verdadeiro milagre. Disfarçadamente ele ouvia, parecia-lhe haver algo de interessante nesse novo amor, algo mais leve, mais belo. Isso até o assunto se transformar em falos e outras intimidades, o que lhe desagradou profundamente e o fez voltar ao seu mau humor natural de uma segunda-feira.

Sem razão especial, a imagem daquele jovem que ele na verdade não conhecia chegava a sua mente. Apegado às poucas descrições feitas, e ligando os pontos, ele construía a imagem que mais lhe agradou, com detalhes quase nítidos. E como isso lhe ajudava a passar o tempo, pouco se preocupou com as razões ou com os efeitos.

Mas, se achava esquisito essa lembrança de algo tão efêmero, essa pequena conversa sem fundamento, essa degeneração da moral e a sua substituição pela carne suja e vulgar, a lembrança do seu primeiro encontro era cheia de detalhes e expectativas ínfimas, e que por isso mesmo não poderiam passar despercebidos. Apinetti soube que ele viria com a ajuda de pequenas perguntas ingênuas, que fazia com o ar orgulhoso que lhe era natural, sem deixar qualquer suspeita quanto às suas intenções. Porém, mesmo sabendo os detalhes, analisando com segurança o material recolhido pelos ouvidos que

redobram de atenção nesses dias tão especiais, nada poderia ter lhe preparado para o espetáculo que seus olhos iriam presenciar. Não, não se tratava de beleza, ele iria se prender a detalhes tão comuns como formas anatômicas proporcionais. Não, não se tratava disso, e sim do olhar. A primeira coisa que pensou foi em como ele se parecia com Michael logo depois de voltar do exército. De alguma forma ou de outra, aquilo o fascinou, a ingenuidade e ao mesmo tempo a segurança daquele olhar, que passou de um delírio de sua mente para algo real, almejado pelo seu ser nas suas últimas forças.

Depois daquele primeiro encontro rápido e superficial que para muitos não teria significação alguma, a mente de Apinetti trabalhou furiosamente. E as recordações desses pensamentos inúteis e a paisagem desolada do inverno, ainda que o tempo continuasse seco, lhe infligiam a suspirar com desânimo e agarrar suas pernas com mais força. Porque, no espaço e tempo em que os seres humanos sobrevivem, a sua desgraça foi rápida e impiedosa, assim como essa espécie de amor que devotara àquele desconhecido. Sim, porque até esse ponto poucas palavras foram trocadas, tão vulgares e superficiais que não era da sua vontade recordá-las. Na verdade, uma das suas recordações mais enegrecidas era do primeiro momento em que ficaram sozinhos, onde ele tentara das mais variadas formas criar, se não uma intimidade, alguma simpatia. Mas infelizmente nada disso aconteceu, e a sua conversa entrou na baixeza das mulheres, do futebol e da televisão, e isso fez recordar a natureza dos homens, tão abominável, tão suja, antipática em todas as suas formas.

Finalmente Apinetti conseguiu sair das suas abstrações, deixou a cadeira e, com um cobertor velho nos ombros, sentou-se na cama para assistir televisão, aquela odiosa máquina que agora era sua única e sincera companhia. Mas não conseguiu prestar atenção, nada poderia chamar a sua atenção. Ele agora pertencia ao seu cérebro e às suas lembranças. Com os cotovelos nos joelhos, as mãos segurando o rosto, com os olhos encostados às palmas, ele tentou inutilmente entrar na sua própria escuridão. Mas não tinha sono, e nem a concentração necessária à vigília. Só tinha aquilo o que a vida inteira desprezara: tempo e coração. Mesmo com os olhos abertos para a claridade suja das paredes, lhe era impossível estar completamente acordado. Em uma edição mal feita, só vinham imagens dos meses precedentes, em uma espécie de *trailer* ao contrário, um *trailer* só com os piores momentos, e assim sua cabeça pendia para frente, envergonhada da sua derrota. Queria conhecer seus pecados, queria carregá-los por todos os lugares como o pior dos fardos, mas ele desconhecia quais eram. Achava-se vítima de uma injustiça que não competia aos homens, mas sim a qualquer coisa de sobrenatural, e com isso o peso da sua cabeça ia aumentando e aumentando.

Dois dias depois, seja por causa da forte chuva que caía e que fazia com que o número de pessoas fosse ainda menor, seja por um outro milagre qualquer, ele pegou o carro para dar um passeio. Era de manhã ainda e sua disposição estava um pouco melhor. Doce ilusão que durou até perceber que o carro que guiava era o do seu pai, assim como a casa onde estava o seu quarto, assim como a energia elétrica que ligava a televisão. Ele que era tão orgulhoso das suas posses, agora não tinha nada, ou pelo menos quase nada. Dirigia distraído pela chuva e pensava em tudo o que perdera, e pensava na hipocrisia da humanidade, sobretudo em suas regras e leis instituídas fora do papel. Mas o que nunca saía da sua mente era a lembrança da sua ingenuidade. O outro, que nunca fora cordial nem benévolo, começou, de uma hora para outra, a tratar-lhe com toda a simpatia, dando a brecha para um gracejo, depois um convite, e ele, Apinetti, tão seguro de si quanto das pessoas e das suas intenções, acreditou em tudo e representou bem o seu papel.

E quando aquelas gravações surgiram por toda a cidade, sem nenhum escrúpulo, sem nenhuma chantagem, apenas surgindo nas bocas das pessoas, nos bares mais

imundos, Apinetti riu como um demente, como nunca rira antes, com força e espontaneidade. Ria da sua estupidez, ria dos seus sentimentos, ria da sua figura, que só agora percebia o quanto era ridícula na sua presunção, que fora o seu prazer e seu pecado, e que fez com que as pessoas ao seu redor e outros, meros desconhecidos, reunissem forças para humilhá-lo, mas nenhum sorriso de escárnio passou despercebido, e ele para si mesmo jurou vingança contra o mundo. Contudo, à medida que perdia suas forças e posses, menos esperança tinha de realizá-la, e por fim só lhe restou a resignação, a última palavra que pensava em usar.

No espelho do carro, o que viu foi um homem velho e feio, com a barba a fazer e com o moletom mais antigo de que poderia se lembrar, e pensou em como o odiava e se não seria melhor afastá-lo de sua visão para sempre e assim acabar com todos os seus problemas. A estrada era boa, rápida e a chuva era sua amiga, a velocidade aumentava, mas depois diminuiu, pois ele descobrira seu fardo, e conviver com aquele odioso homem mal vestido era a sua verdadeira punição.

## Tamirez de costa a costa

Não sei há quanto tempo eu não a via, para mim pareciam séculos, parecia que fora em outra vida. Até então sua lembrança não passava de um borrão e o som de uma voz aguda e suplicante. Eu não me interessava por ela, na verdade eu pouco me interessava por qualquer coisa. Se hoje eu posso ser considerado egoísta, na minha infância era quase idolatria. E por que eu, perdido em pensamentos tão importantes sobre mim mesmo, iria perder meu tempo com as lamentações da filha de uma serviçal? Não, eu tinha um destino, só não sabia qual era.

Uma imagem dela começou a surgir nos meus sonhos, no começo não prestei muita atenção, aqueles sonhos eram um tanto caóticos mesmo, e a figura dela ali presente não iria mudar muita coisa. Mas à medida que os dias passavam, e que os sonhos (ou seriam pesadelos?) ficavam cada vez mais parecidos, isso tudo começou a me preocupar. No começo ela aparecia de vez em quando, em algum canto, rapidamente, repetindo o meu nome uma ou duas vezes, para depois desaparecer em uma espécie de vapor. Eu não lhe dava importância e continuava com a minha própria alucinação. Depois, ela começou a aparecer mais seguido e abrindo os braços para mim, em uma súplica infantil e lamentosa. Cinco meses depois só havia ela em meus sonhos. Nós andávamos de um lado pra outro, fugindo não sei exatamente bem do que, só sei que fugíamos, amedrontados. Eu a puxava pela mão, ela tentava correr, chorava, chamava meu nome inúmeras vezes, e eu, eu só podia correr.

Comecei então a anotar tudo a respeito desses sonhos, tudo de que conseguia me lembrar, porque apesar de possuírem quase sempre o mesmo tema, poucas recordações sobravam no dia seguinte. E com essa boa intenção tentei achar algum sentido neles. Comprei alguns livros (que não li), pesquisei em revistas para achar alguma pista esclarecedora, mas não, nada.

No centésimo sexto dia (ou noite, para ser mais exato) os sonhos acabaram. As anotações mostravam que fiquei uma semana sem sonhar com nada, e no oitavo dia os sonhos voltaram ao normal, com diferentes temas, cores e formatos. Mas isso de forma alguma me trouxe algum alívio, pelo contrário. Se antes ela estava nos meus sonhos, chorando e correndo, agora ela aparecia em plena luz do dia. Mas nessas vezes não reagia. Nada de choros, nada de corridas, muito menos braços estendidos e nem meu nome dito com lágrimas. Ela apenas ficava ali, parada em um canto, me observando com um olhar inquisidor, sem se mexer. A sensação de ser observado por tempo integral obviamente não era das melhores. Passei alguns momentos constrangedores ao perceber que ela, surgindo do nada, agora me fixava com insistência. Mas com o tempo (e só ele, o tempo, tem esse poder) acabei me acostumando, e continuei na minha rotina como outrora. É bem verdade que em alguns momentos, por puro sadismo, eu a provocava fazendo caretas ou dançando nu qualquer dança exótica que há pouco criara. E ela, apesar dessas demonstrações de mau gosto e precária qualidade físico-motora, continuava ali estática, como um monumento à minha insanidade.

Ao contrário dos sonhos, não guardei qualquer registro dessas aparições. Primeiro porque não era nada prático ficar fazendo anotações no meio do dia sobre fantasmas de crianças, e depois, que cada vez mais convencido da minha insanidade, resolvi deixar rolar, as decisões seriam tomadas por deus, ou pelo diabo, quem se importa?

Obviamente a minha concentração tinha ido para o espaço, nada conseguia chamar mais a minha atenção. Eram só visões e coisas do tipo, nada que eu pudesse compreender. O sono era curto, os dias eram longos, com o sol por toda parte e com o calor entrando por cada fresta, me seguindo por todos os lugares. Quando saía para a rua, as coisas se confundiam, a grama se movia e mudava em dezenas de cores

diferentes. Voltei a rezar, algo que não me lembro há quanto tempo eu não fazia. Falar com ela pouco adiantava também, já que estava emudecida para a eternidade.

Como os dias se seguiam todos iguais, com o mesmo calor, o mesmo ar respirado por séculos e séculos, a minha mente começou a ficar embaralhada, os pensamentos não possuíam ordem alguma. Eu que tinha uma geração inteira com o meu nome, agora era um igual, um qualquer, perdido no limbo das almas ocas e sem sentido. Em uma dessas manhãs eternas acordei em um sobressalto, alguém havia gritado o meu nome, mas ao abrir os olhos não vi ninguém, nem a imagem dela. Nem a voz poderia ser dela, não era uma voz de criança, mas continuava a ser uma voz feminina e igualmente chorosa.

Com o fim dos sonhos e sem nenhuma aparição me perturbando, voltei como um milagre a minha vida normal. Nunca antes havia amado a rotina como naquela época feliz. Nunca problemas tão cotidianos foram tão facilmente resolvidos, com grande prazer, o prazer de pertencer à realidade. Já não estava mais perdido em mim mesmo, podia voltar ao mundo.

Com o tempo passando essas memórias foram sendo apagadas, aos poucos eu me recuperava. Não era mais um sonâmbulo, uma alma penada, e sim um ser humano normal e capaz. Estava em meu habitat, sem nenhuma culpa e remorso, era a vida afinal.

O natal estava perto. Era a época dos presentes e das multidões, das ruas cheias, das pessoas na velocidade da luz, os mais pesados na velocidade do som. Dias carregados de responsabilidades, de coisas a fazer, pessoas com quem falar. Fui naturalmente ao shopping fazer compras básicas, era o espírito natalino no ar e nos bolsos. Entrei em lojas, carreguei pacotes, fiz uma boquinha para enganar o estômago, tudo corriqueiro, tudo dentro da normalidade. Quando já estava pronto para voltar para casa tive a ideia de comprar um presente para a minha nova colega, datas como essa deixam as pessoas mais sensíveis, mais suscetíveis a erros que não podem ser remediados.

Entre em uma loja qualquer, comprei um par de brincos que achava ser do seu agrado. No caixa a atendente me olhava com estranha insistência, julguei ser uma fã, que finalmente meu trabalho estava sendo reconhecido.

– Olá, lembra de mim? – foram suas exatas palavras. Minha expressão de dúvida e surpresa fez com que ela respondesse para mim. – Sou eu, Tamirez, se lembra? – Naquele momento minha espinha se transformou em um enorme bloco de gelo, minhas mãos pareciam arder em brasa, e minha palidez foi tamanha que fez com que ela perguntasse se estava tudo bem. “Sim, tudo”, foi minha resposta quase inaudível, como se saída diretamente das tripas, reviradas com aquela visão. Uma visão comum, completamente comum, seu rosto era o mais vulgar possível, talvez por isso o mais difícil de imaginar. Sua expressão era vulgar, seus modos eram vulgares, e por isso mesmo os mais impactantes. Foi tudo muito rápido, só consegui pronunciar um “obrigado”, ou algo do gênero e saí o mais depressa possível.

Ao contrário das visões que não me deixavam dormir, esse encontro real pouco perturbou meu sono. Apenas tirou qualquer outro pensamento que eu pudesse ter em mente. Fixei-me nos detalhes do nosso encontro, o que isso representava e o que deveria ser feito. Não conseguia entender nem as luzes de natal.

Na semana seguinte, com o mundo inteiro de ressaca, voltei ao shopping. Voltei àquela loja decidido a fazer qualquer coisa, só não sabia bem o quê. Ela pareceu gostar da minha visita, abriu um sorriso que em nada me lembrava aquela criança chorosa da minha infância, por um momento quase achei beleza nela. Ele me perguntou se estava tudo bem, já que tinha trocado minha expressão de espanto por um expressão de

angústia-de-dar-dó. Respondi que sim, tudo estava bem, apenas precisava conversar com ela o mais rápido possível. Agora foi a vez dela ficar surpresa. Percebendo isso, logo amenizei a situação, disse que não era nada de importante na verdade, apenas queria saber como estava a sua vida. Ela pareceu gostar da ideia, e então combinamos de nos encontrarmos na véspera do ano-novo para bebermos alguma coisa. Ela me deu o seu endereço, eu deveria buscá-la à noite.

Mais uma semana de perguntas se passou, porém essas eram mais amenas. Basicamente minha dúvida era se contava a ela sobre as minhas visões logo de cara, ou se insinuaria a conversa depois de um tempo. Me sentia como se voltasse à escola, quando planejava o que iria falar, e nas prováveis reações. Era uma estupidez, mas de certa forma eu estava gostando daquilo, não deixava de ser rejuvenescedor.

Às nove horas bati a porta da sua casa. Minhas mãos continuavam quentes e suadas. E se fosse o destino? E se ela fosse a verdadeira mulher da minha vida? De qualquer forma nossas vidas se ligavam para o bem ou para o mal. Uma mulher grande e de modos rudes atendeu a porta. Logo reconheci ser minha antiga empregada, e que tantos desprazeres causou a minha infância e que agora parecia ser um arauto do paraíso, ou qualquer coisa parecida.

Porém, ela não me reconheceu. Perguntei educadamente por Tamirez, tentando esconder a minha visível excitação. Eu deveria parecer muito estranho de se ver, contudo mais estranha ainda foi a sua resposta. “Há quanto tempo você não a vê?”, ela perguntou. “Acho que faz uns três dias” foi a minha resposta. “Olha, meu rapaz, eu não quero dizer nada, mas acho que tu tinha que ver um médico.” Confuso, eu perguntei por quê. “Por quê? Porque ela morreu há dez anos. E eu não sei se foi o correio que se atrasou ou se isso é só uma brincadeira de mau gosto, só sei que me fazer lembrar da falecida é a pior desgraça que pode me fazer”. E com isso, fechou a porta na minha cara. Não sei o que se passou comigo na hora: medo, surpresa, pavor, alívio ou se todos juntos, misturados. Só o que me lembro é de ter entrado no primeiro bar que encontrei e de ter pedido a bebida mais forte da casa. E depois mais nada. Acordei no primeiro dia do ano na minha cama ainda vestido, com sapato e tudo, com uma dúvida eterna, e com a certeza de que nunca mais iria a shopping algum.

## Líquido

Quando me sinto de alguma forma solitário, vou até a praia, olhar o mar. Fico lá alguns minutos e faço um esforço de imaginação, faço as ondas virarem motores que vêm e vão, como em uma estrada à noite. Imagino alguns tamanhos, alguns modelos; e como mágica a minha melancolia passa. Mas de forma alguma esse é meu êxtase, na verdade não compreendo bem essa ligação das vagas com o prazer, com o orgasmo. Faço isso, quase sempre, no final da tarde, quando o inverno nos permite e quando a chuva não é muito forte. O sol cai do outro lado e a noite chega com Netuno e o resto do seu povinho. Vrumm, os faróis passam pela noite. Imagino estradas desertas cercadas por pinheiros, motéis baratos, postos de gasolina, assombrações e alucinações. E quando abro os olhos só o que consigo ver é uma massa escura disforme; o céu e o mar reunidos em um só e então eu me sinto insignificante e me sinto melhor.

Mas na maioria das vezes o tempo no litoral é agradável, seria ainda melhor se não houvesse tantas ventanias. Mas o clima, como sabem, é apenas um mero detalhe, serve apenas para separar uns dias dos outros, apenas para nos dar assunto à mesa do almoço ou em uma parada de ônibus, de uma pequena-conversa à outra o tempo é perdido, mais precisamente largado por aí, não em lixeiras para ser reciclado, mas sim na rua, nas calçadas, tapando os bueiros e criando assim mais pequenas-conversas. Você tenta escapar, mas não consegue, é impossível, é algo parecido com o que as pessoas chamam de natureza, mas de cujo nome não tenho a menor ideia.

Na noite há realmente muito pouca coisa para se fazer, fora é claro conversar com as paredes, mas daí já é demais, não pretendo ficar fazendo mais amigos, ainda mais esses do tipo calado. De vez em quando recebo alguma visita, humana no caso. Eugênio é o frequentador mais assíduo, geralmente vem para jogar dominó. Passamos horas jogando sem trocar uma palavra, concentrados na vitória e na sua glória. Mas nem sempre foi assim. Quando nos conhecemos (que para falar a verdade não lembro exatamente como), ficávamos horas conversando sobre os mais variados assuntos. Música, cinema, vida, morte e novamente vida, sobre esse e o outro lado, sobre a infância, sobre as revoluções mais ínfimas e íntimas. Passávamos a limpo as experiências mais vergonhosas e conquistas mais grandiosas, mas obviamente nossas vidas não tinham muito material para preencher essas conversas, e por isso surgiram os jogos, e assim mais uma vez o tempo foi morto e a rotina surgiu com as asas abertas, escurecendo tudo, descansando nossos olhos.

Às vezes, quando dou um passeio a pé, volto com ele do trabalho, e no caminho relembramos fatos que aconteceram nessas ruas, e nessa fina ligação formamos um time capenga, de membros tortos e carne exposta, pronto para ser devorado pelo primeiro urubu, corvo ou ave do gênero que esteja faminta. Outras vezes eu janto em sua casa, e a visão de sua família me dá uma sensação de lar que ainda não consegui decidir se é boa ou ruim. Sua mulher não é boa cozinheira, mas como estou acostumado a pouca variedade, seu arroz queimado e sua carne endurecida passaram a ser atrativos difíceis de não se levar em conta. Quase sempre saio um tanto quanto tocado dessas reuniões, é que até a bebida impõe a sua rotina.

Às vezes saio para dar uma volta de bicicleta também, e bem lentamente percorro ruas e calçadas, descubro sítios inexplorados, aproveito a falta de morros para dar o meu melhor, e é terrivelmente relaxante, principalmente quando estou só eu e o céu, e as nuvens, uma por cima das outras, em camadas de cinza, branco e prata. Um sol fraco, quase imperceptível aparece de vez em quando, cria sombras, traz lembranças de verões que deveriam ser esquecidos, mas mesmo assim eu o convido a entrar na nossa celebração. Convido também as árvores e a brisa para essa dança bizarra. Sem uma

mão, sem as duas e por que não voar? Há algo de intergaláctico aqui, algo de uma evolução que não foi consumida, talvez porque mais dolorida, apesar de todo o prazer que receberíamos em troca. É mais fácil fugir no céu, é o caminho livre que todos esperam, aquele que tem coragem de se exhibir. Agora voltando para casa, voltando para o mar, como se isso tivesse alguma importância.

E em casa há realmente pouca coisa para se fazer. Olho-me no espelho para ver o quão verde está minha pele, se existem membranas entre os dedos, se as pontas das minhas orelhas não estão afinando. A resposta é desnecessária, a comida não. Algo frito, algo enferrujado, tanto faz, somos uma família agora. A sua carne branca me alimenta, a minha carne vermelha vai lhe alimentar um dia. Se não for você serão mosquitos, e se não forem eles serão ursos polares, quem sabe? O importante é que minha dívida será paga. O metal está na nossa boca, só nos resta andar sem pensar em qualquer destino, apenas pelo prazer de sair e principalmente voltar, ao calor, às feridas, às marcas de mofo na parede, ao futuro todo de uma vez só.

É triste ver a horta nesse inverno caprichoso, leva algum tempo para o homem de concreto entender o ciclo da vida, para ele só há na morte destruição, assim como na vida só a fartura, são retas e não círculos e então nenhum milagre pode ser presenciado, porque nenhum milagre existe, apenas falos de gesso e iconoclastas em cima de caixotes de madeira, e sanidade por toda parte. Mas logo virá a primavera, e todos os sistemas respiratórios sofrerão, e ficarão felizes com esse sofrimento compartilhado, são uma matilha, um batalhão agora. É agora mesmo, nesse exato momento, só o que resta é rezar, para qualquer deus pagão, ninguém sabe o nome deles mesmo; água, seiva, as árvores querem dançar novamente, vamos repetir aquela música: do refrão! Um dois três quatro e as cadeias se quebram e os trombones solam sem se importar, é tudo o que minha alma pode compreender, então vamos dançar!

Eugênio bate à minha porta, com ele uma linda caixa de cervejas. Me diz que está com problemas, que precisa desabafar, é claro, por que não? No fundo o seu problema é sempre o mesmo, o tédio do funcionalismo, o resto ele inventa para não deixar as engrenagens paradas. O novo é sempre mais atraente, apesar de nem sempre ser o mais agradável. São seus filhos seu problema; sua educação, caráter, moral, essa baboseira toda. Eu escuto, invento mil suposições e o problema que nunca existiu está resolvido enquanto mais uma garrafa é aberta, e se por um momento a música parou, nós nem notamos, ainda bem.

Quando me deito e fecho os olhos ainda falta muito tempo para dormir, e nada para pensar. Não terei sonhos também, e muito provavelmente nenhum pesadelo. Que tal uma nova civilização? Ou uma nova língua quem sabe? Isso seria divertido. Frenurt zas higrovais! É o que eu lhe desejo do alto do meu voo, do voo que esperei tanto, doze anos! E depois baam, barro em minha boca e nas minhas asas, tripas expostas esperando o sol.

Mais uma conta, agora os nódulos, agora a manhã. Café na cama? Claro! Eu também estou coberto de pó, eu também me apaixono facilmente, qualquer imagem, qualquer relance e as páginas são cobertas de azul escuro, de sangue anfíbio, sem qualquer traço de orgulho também, os ossos estão cansados desses esforços sobre-humanos e das valsas de despedida.

De vez em quando vou à janela, é alto aqui e esse horizonte plano é bem diferente da cidade que conheci. Aqui se pode ver longe, sem que com isso você precise ser algum tipo de profeta ou visionário. Casas grandes, casas pequenas amontoadas na sua imobilidade, o infinito em sua menor parte, a ordem porque ela nasceu assim. Foi dessa janela que eu a vi pela primeira vez. Foi rápido, só pude ver suas costas, “um ótimo derrière”, tudo o que vem na mente em um momento. Depois, por acaso, percebi

que aquela era a hora em que ela voltava para casa. Comecei então um trabalho de pesquisa, em esquinas, atrás de árvores, para descobrir que ela trabalha em um mercado, um dos poucos abertos nessa época do ano. Fazer compras passou a ser uma obsessão. Detergentes, guardanapos, grampos, brócolis, leite desnatado, chocolates, maçãs argentinas, guarda-chuvas, tudo motivo para uma compra.

– Bom dia. Chuvinha chata essa, não? – eu dizia com toda a galanteria que pude acumular ao longo dos anos.

– É sim, já não aguento mais, acho que estou virando uma sapa! – e tudo o que eu queria era ser um girino jovem e esbelto. Depois de muitas conversas extremamente intrincadas como essa, convidei-a para almoçar. No restaurante ela despejou em cima de mim todo o repertório da sua vida, bem curta até ali por sinal. Sua juventude me intimidava, os olhos castanhos me convidavam para alguma coisa secreta. O que mais me impressionava nela era a palidez da pele naquele tipo de clima. Sua face rosada – de não sei se pura ou falsa timidez – lhe dava a simpatia que a diferenciava das demais. Ela não parecia ser feita de areia como o resto de nós. Mas apesar de quase dez anos mais nova do que eu, sua vida parecia mais completa, mais real. Com todas as espécies de desgraças que poderia ter recebido naquele curto espaço de tempo que era a sua vida, ela bem que poderia ter protagonizado um dramalhão mexicano. E eu a invejava. Do alto da minha correta e mesquinha rotina, as suas dores eram as únicas que poderiam ser classificadas como tal, as minhas eram apenas arranhões, raspões e esparadrapo na pele de um filho mimado. Mas eu queria sangue, queria que a minha história fosse parecida com a história da humanidade sangrenta, com guerras e revoluções. Eu já tinha minha própria cicatriz infinita, mas não tinha nenhum orgulho da mão transfigurada, ela era apenas a constatação da minha estupidez, nada mais. Não, o que eu queria eram desgraças verdadeiras, no coração, nos pulmões, nas entranhas, incuráveis e indiscutíveis, por ali sempre presentes. A sua preferida, a única que lhe importava, era a do falecido noivo. O herói dos heróis. Na sua pequena cidade ele era uma espécie de lenda. Alto, belo, nobre e rico, apaixonado por uma rapariga simples do sítio. Teria sido um belo conto de fadas, se ele não tivesse ido à cidade, se ele não tivesse o deslumbramento de noites e mais noites brancas, se ele não tivesse conhecido a velocidade que para um espírito prático e racional como o dele é impossível resistir, se ele não fosse de sangue, nervos e bosta trancada, talvez ele estivesse aqui conosco, para sempre.

Entretanto erram os que pensam que ela é um alvo fácil de piedade. Pelo contrário, ao invés de derramar litros e litros de lágrimas minerais, prontas para serem bebidas, ela estagnou. Sua dor parou no meio do peito e ali ficou para a eternidade, para ser um peso a mais, para projetar o seu corpo à frente, rumo à noite mais densa e ignóbil. Ela, por meses, passou a viver em um delírio; estática, muda, calada, para depois despertar novamente e se transformar naquilo que conheci. Essa alma dividida, que nos acolhe com grandes e enigmáticos sorrisos, para logo depois cair no mais profundo torpor e nos deixar sozinhos com o seu corpo vulnerável e mole. Ela é um corpo, sem dúvida alguma, um corpo em toda a sua grandeza, toda a sua palpitação, toda a sua secreção. Mas, apesar dos lábios abertos e sorridentes, a sua voz a trai e confirma ela como apenas um corpo andando, comendo e falando no automático. Às vezes no coito ela volta a si. No seu êxtase, por breves instantes eu posso ver a sua verdadeira natureza, e tento decorar nesse curto momento a luminosidade dos seus olhos. São segundos, ou menos, e nesses segundos está toda a tragédia, está a existência, o pecado e a metamorfose. No resto do tempo ficamos calados, presas fáceis da monotonia, com um certo prazer secreto. Só somos verdadeiros um com o outro quando estamos longe de nós mesmos e mais perto da sujeira, do resto líquido dos nossos

desejos, quando nos entregamos a ritos antropofágicos, quando transformamos o lado positivo em negativo, quando somos a baixeza e a crueldade, anjos caídos em roupas de mendigos, tocando as mais dissonantes canções já ouvidas. Santos em chagas, demônios abençoados tanto pelo céu como pelo inferno.

Difícilmente esses dois extremos da minha vida se cruzam, apesar de não ser algo que realmente me preocupe. Não entendo o porquê da antipatia dela por Eugênio e vice-versa. Nunca brigaram, nunca trocaram uma palavra hostil, mas a raiva é perceptível na boca de um e nas narinas de outro, que tremem de ódio e asco. Nenhum me considera parte importante em sua vida, nenhum quer ter controle total sobre meus atos e até consideram um ao outro como uma diversão satisfatória, ainda que assim não se suportem. A voz, o cabelo, a forma do nariz, a maquiagem, a limpeza das mãos, qualquer coisa vira um defeito sórdido, uma inabalável desqualificação no caráter e na ética, o maior e mais supremo dos defeitos. Um bárbaro. Uma bruxa.

Para mim, o que resta é uma complicada e eficaz tabela de horários e seus respectivos participantes. Mas se nenhum deles se importa em me dar a devida importância, para que todo esse trabalho? Ora, simples, pelo método. Depois que eu vim para cá, minha rotina sofreu pela falta de um trabalho de verdade. Sempre existem coisas a fazer, mas nenhuma toma o controle geral dos meus dias e me esclarece em que lugar da semana estou. Não há uma linha reta por onde eu possa seguir e isso me incomoda, me deixa à mercê dos acontecimentos. Por isso qualquer distração é válida, qualquer artifício em que eu possa usar o meu raciocínio metódico, que eu possa ordenar, simplificar, melhorar como um todo.

E com todas essas atividades e esses horários pré-estabelecidos, as vozes se acumulam, elas vêm de todos os lugares, todos os cantos do cérebro, em uma sinfonia, em uma gritaria do inferno, uma voz querendo cantar mais alto do que a outra. Todas tentam me guiar e nenhuma consegue, todas têm o mesmo valor, a mesma intensidade. Só o que eu posso fazer é sucumbir, é caminhar na chuva à noite e esquadrinhar cada luz, cada reflexo, é imaginar vários quadros diferentes, nos mais diferentes tons, sempre cobertos de nuvens carregadas e solidão, de lembranças de vidas que não foram vividas, glórias que inexistiram, mitos de beleza, cor e dança. É uma estúpida crença no amanhã.

Já na primavera começo a me agitar. Todas aquelas cores novas, céus abertos. Penso no campo, em bosta de vaca. Que comecem as festas. Mas é o verão que importa. As ruas enchem, as pessoas sorriem, a bebida rola solta, é o paraíso na terra. Pelo menos na primeira semana. Da sacada vejo as multidões e seus guarda-sóis, alguns cachorros novos também. Obviamente os banhos de mar ficam prejudicados, mas é o preço a se pagar. Para falar a verdade essa invasão só é válida como paisagem e caos. É claro que a atmosfera perto das festas é excitante, com todas as possibilidades, mas logo o ar fica impregnado de vícios e só em um lugar se encontra paz: na cidade. O vazio das ruas tem um quê de fim do mundo e tudo se parece com uma terra sem lei. Apesar das milhares de pessoas que seguem suas rotinas longe do litoral, a atmosfera na cidade é diferente, é uma atmosfera de passado, de preguiça. Um grande lagarto cinza ferido nas patas, arrastando sua barriga e destruindo a vegetação.

Mas em abril as coisas já voltaram ao normal, não necessariamente agradável. A vida é a mesma e corre igual, da mesma forma desengonçada e ridícula, e que nos serve de piada ao longo dos dias. As mesmas horas, os mesmos caminhos, chuvas iguais às outras, ventos sempre na mesma direção. Desejos iguais, êxtases iguais, vexames iguais. Tão longe dos filmes quanto dos livros e quanto da vida real. Tato, visão e olfato sem propósito algum, fora o de aprender a canção, para depois cantá-la a plenos pulmões, desafinado e olhando para o lado para ver se há mais alguém olhando. Pior ainda quando se dança com as mãos livres no ar.



## Bang-bang italiano

Frio, muito frio. Vento que corta, traz lágrimas aos rostos dos machos alfa. Abre-se a porta. Entra-se no salão estilo velho oeste, onde a junkiebox é mais moderna. Tudo é mais moderno, tão sujo quanto. Poderíamos estar nos anos oitenta, nos anos vinte, nos anos rebeldes, nos anos incríveis. Por fim atravessa-se o fogo, é cedo ainda, a maioria das mesas estão desocupadas. Chego cedo. Justamente por essa razão não gosto de ficar em pé, muito menos beber em pé. Pessoas que bebem em pé costumam dançar e isso não pode ser boa coisa. Subo o mezanino reservado para nós, que nos acolhe, a realeza, rostos tão comuns que nem mesmo dão o trabalho de assustar os outros. Somos um grupo heterogêneo, nunca um número definido, muitos são os que chegam, maior é o número dos que partem. Desiludidos com a nossa falsa atenção, afinal.

Eu sou o primeiro a chegar e por isso o primeiro a me entediar. Trago um livro para esse momento, não importa qual, logo ele servirá como porta-copo. Copos rodam, caem, quebram, interrompem as palavras. O frio entra com cada novo convidado. Eu levanto os olhos, dois casais, disputa fria, música. Vão substituir meu ABBA por um rap de quinze minutos. Pelo menos eles são sinceros, não usam sobrepeliz. Lá se vão minha música e minha concentração. Canta-se a jogada, os machos são bons jogadores, coordenação atlética, não sei o que dizer. As meninas são ruins, não jogam, dublam jogadoras, mas a vontade de vencer é a mesma. Mais dois vampiros na noite, eles são os primeiros de um possível batalhão. Não sei por quê, mas eles simpatizam com a gente. Por não sermos nada, somos tudo. Por não oferecermos perigo somos acolhedores, simpáticos. Rangemos os dentes, mordemos a língua, odiamos com a mesma intensidade a vida, nos agarramos a qualquer um que nos ofereça um sorriso cúmplice. Ironia disfarçada.

– Oi, a Sonia não chegou? – olhos cegos contra a luz. Um prédio, um monumento. Impossível descrever seu rosto. Androginia na forma mais decadente. Senta-se, me seduz, me pergunta com as sobrancelhas, me exige bebida. Já estou vacinado, cumpro o papel. Sou o fantoche, sei o meu lugar.

– Ainda não, somos os primeiros – não sou nada, não sou ninguém. Um dos vampiros lá embaixo é passado e futuro. Cabelo até os ombros, maldade no suor, sangue que não me atrai, banal como um acidente qualquer, trinta vítimas nesse final de semana. Ela muda de lugar, põe-se em evidência. Seu sobretudo rosa não combina com o sobretudo preto dele – afinal ele é o recheio. Ambos usam botas, ambos andam à mercê. Palavras engajadas, palavras infantis. Um nada sobre o outro, como coabitam essas fracas existências? O copo vazio, ela me ajuda, ela é grande e insaciável. E conhece muitas desgraças.

– Aaaaai, não acredito! Ele nem me olha. Tu se lembra dele? A gente ficou semana passada. Tão bonito. Adoro homem de cabelo comprido. Acho que ele tá tímido. Só tem dezoito – aos dezoito eu era um gênio incompreendido, mas mesmo assim meu cabelo era curto, e minha maldade era pálida e melancólica. De nada serviu. A genialidade não existia e a melancolia volta de quando em quando. De qualquer forma não me lembro do pequeno vampiro, eles todos se parecem. Androginia novamente.

– Por que tu não fala com ele? – cupido estúpido e rosado, asas que não aguentam o peso da barriga, cachos e boca de lábios grossos e sebosos. Me faltam palavras e o ambiente pede emoção. Quebro o silêncio por não ter mais o que fazer. A roda gira, eu logo estarei de ponta-cabeça.

– Não posso, sou uma lady – ela tenta acreditar nas palavras, e o que ela mais deseja, eu também gostaria que fosse verdade. Mas assim como o pequeno vampiro

ainda não é um homem, assim como sobrevivo com o meu tédio, ela está presa a um conto de fadas que, com todas essas personagens bizarras, não pode ter final feliz.

– Ninguém entende teu humor, fora eu – a voz de Sonia sai arrastada, ela não tem orgulho desse dom. É uma maldição. Estamos sozinhos na multidão. Ambos cansados o suficiente para não querer jogar snooker.

– Talvez seja mau humor – a olho de soslaio. Ela não demonstra qualquer reação, nem deveria. Logo, logo ela fará o seu trabalho, agirá apenas com o instinto. Pedirá, ameaçará e com certeza gritará, tanto de fúria quanto de prazer. Seus pulmões devem ter o dobro do tamanho normal. Ela é grande, maior que uma mulher deve ser – todas são de alguma maneira: em pés, em libras, em ego. Estranho desfile de criaturas presenciaremos hoje. Todas em busca.

– Busca uma cervo pra mim? – Sonia pagando, há algo estranho nessa noite. Uma oportunidade em mil. Ela parece cansada, difícil imaginar a razão. Fornicação? Duvido muito, ela prefere as manhãs e então carregaria um sorriso estúpido. Talvez tenha sido um dos dias difíceis. Eles sempre estão lá, não importa quem seja, eles são difíceis.

Os vampiros me olham desconfiados, dois ou três balançam a cabeça. Inofensivo – eles dizem, e estão certos. A camiseta amarela, de rosto sorridente, chama-lhes a atenção. Sou uma piada sobre pontinhos. Vejo convivas chegando, aponto para o canto, eles sorriem, eu sorria. Os vampiros gostariam de sorrir.

Os gêmeos me atendem, velhos e de trêmulas vozes, um só único olhar embaçado. Não consigo não simpatizar com eles. Eles me reconhecem, não sabem o meu nome, nunca saberão. Eu agradeço, eles gostam, fingem não se importar, mas gostam de um pouco de educação. Eu também. Giro nos calcanhares, uma cerveja em cada mão. A junkiebox me olha suplicante. Não aguenta essa disputa entre o heavy metal farofa e o funk carioca. Mesmo assim é muito cedo para a Dancing Queen. Seria linchado. Com razão.

Vampiros escalam a parede, desenham escalas no ar, jogam o cabelo pra frente e pra trás, fecham os olhos. Um hino qualquer, um paraíso em forma de maloca, palmeiras e cervejas, maldade, o punho erguido, as meninas cantam junto, difícil é distingui-los. Que merda de camiseta amarela é essa?

Beto está cada vez mais parecido com Phil, a marmota. Me cumprimenta com satisfação. Ele entende metade das minhas piadas. Não é pouco. Deve alegrar-se ainda mais com as cervejas que chegam. Carola me cumprimenta com firmeza cúmplice, o olhar duro, o sorriso torto. Suas frases saem mastigadas, mas as palavras doces. Estranha fauna. Distraem Sonia, que parece ter melhorado com minha ausência. Voltou a ter os olhos arregalados, o sorriso por inteiro, fala com rapidez e satisfação. Festas e festas. Nunca fui a uma. Pertencemos à mesma raça, mas nossos polos são diferentes. Meu tombo é mais raso. Vitória-régia. Finjo atenção.

– Sei lá, umas vinte cabeças. Menos. Não sei. Tinha uns amigos do Repolho. Gente fina eles. Gurizada. Imagina! Teve uma hora que tavam todos mal, até o Repolho. Eu não. Deveria. Fiquei tão decepcionada. Pô, ele podia ter me avisado. Mas depois fiquei bem. Muita cachaça. Peguei um sim. Não era amigo do Repolho. Gatinho. Era novinho também. Com certeza.

Conhecia o Repolho, tive com ele uma ou duas conversas filosóficas. Ele é uma mistura de insanidade e sardas. Figura carimbada, vivia nas sombras, se infiltrava em todos os grupos. Um bom rapaz querendo subir na vida. Sonia tinha muita estima por ele, muita ajuda ele tinha providenciado. Um bom rapaz com tendências capitalistas. Sonia tinha muitas expectativas na amizade, queria tê-lo sempre por perto. Perto do Repolho, perto do Fantasma. Nosso ídolo, nosso herói. Sonia, nossa princesa viking,

fantasma, nosso justiceiro mascarado. Eu apenas desejava que eles usassem proteção. Um filho aqui e a humanidade não seria mais a mesma. Fugiríamos para as montanhas, nos afogariamos no mar. Correr, correr. Sonia corria, sempre parada no mesmo lugar. Nosso destino, uma geração perdida sem guerras, uma geração vazia sem dissonância. O inferno era passado, o zero é o presente, assim como o 22, 1984, 1919, porcos, cabras, coelhos. Tantos elementos. Finjo atenção novamente, presenciamos o nascimento de uma lenda, o batizado de uma constelação, olhos bem abertos, sempre.

– Eu não me lembro de nada. Não me lembro de ter chegado. Bah, pior. Acordei bem fora. Tudo bem, já estou acostumado – do outro lado a fila do banheiro era imensa. Perseverança, estratégia, rapidez. A tática fora estudada inúmeras vezes e às vezes você só podia se deixar bater. Beto falava, era robusto e seguro, mas se acreditava sensível. Alma de poeta. Viver a vida. Orgulho da queda, desprezo da conquista. Mil olhos inquisidores. Era preciso ser tudo. Era preciso ter tudo sob controle. Carola só concordava, ainda era cedo para seus monólogos, seco demais, ela precisava de uma inundação. Hormônios fabricados. Querer ser. Humano acima de tudo. Os outros em volta e a própria existência parecia sem importância. Sonia parecia perdida. Queria ser perseguida, queria ser assustada. Seu Fantasma não viria. Infelicidade, insatisfação. O delírio precisa de uma boa justificativa.

Tenho unhas carcomidas. O meu estômago também sofre. Ansioso, tenso, obsessivo. Desmonto canetas, quebro palitos, arranco pedaços. Uma espera que nunca irá acabar. O mofo que nunca irá embora. O mesmo cheiro para sempre. Raciocino, calculo, espero, corro. Tenho azar. A fila aumentou. Como uma gangue hollywoodiana, nossas costas contra a parede. Sorrisos de satisfação, olhares ameaçadores. Conversas cheias de façanhas, atos precisos, presas fáceis, numeradas, classificadas, esgotadas, satisfeitas.

Com o resto de unhas, raspo a parede. Rostos tão comuns que poderiam ser conhecidos. Tento escapar de suas vozes. Não consigo. A música não me distrai. Chuvas em novembro são tão obtusas. Os gêmeos não param. Samambaia desfila ameaçadoramente. Ele não é o maior fã dos vampiros. Nem dos lobisomens. No final da noite fará uma prece. Acredita em deus, não acredita na igreja. Talvez daqui a alguns anos acreditará novamente. Será preciso, será a salvação.

Pálido, ele olha orgulhoso. Diferente dos demais que se orgulham da força, ele se orgulha do seu sangue, fino e morno. Outro tipo de altivez, tipo A positivo. Não mais um entre os demais. Sua camisa exemplifica, seu olhar complementa.

– E como eu te acho? Não sei teu sobrenome – a voz arrastada de sua vítima denuncia, mas ele não precisa de álcool para uma dessas. Tanto pior. Seu dia foi cheio, o mau humor natural carregou-lhe no colo até a noite. Mas ela pode estragar tudo. Ele não vai deixar. Sabe o que fazer, sabe o que dizer. Promessas nulas. Não há débito, apenas um jogo. Ele sabe blefar. Já estive em campeonatos maiores, esse é amador. Mesmo assim ele tinha medo. Medo da traição. O mundo contra ele, foi sempre assim. Ganhou mais do que perdeu, mas não havia garantia.

– Tu não vai entender, é polonês – minha atenção é total, esse tipo de exibicionismo é novo. Sempre se aprende, essa é uma das garantias da vida.

– Claro que vou! Pode dizer. Quero te adicionar – números na caixa registradora. Um recado simpático, uma provocação quase erótica. Um mural. Um álbum das belas praias de Santa Catarina. Bronzeados, lábios juntos, expostos, convidativos. Ela não dá autógrafos. Se emocionou com um álbum de recortes e a palidez. O que pensará disso. “Não basta ser bem-sucedido, os outros também precisam fracassar”. A senhorita insiste, exótica, felina. Papagaios em cativeiro.

– É Bienkowski – palavras amassadas, rasgadas, mastigadas. Há uma mancha na toalha da família. Ele quer vencer mais uma vez, terá que se sujar um pouco. Uma história engraçada afinal.

– Quê?

– Bi-en-kows-ki, entendeu? – a resposta afirmativa com a cabeça indica que não. De qualquer forma ele venceu, os dois venceram, eram batalhas diferentes. Champanhe para todos. Ela acredita ser o paraíso. Uma nuvem branca e vulgar. Ir até o céu, descer até o inferno, voltar. Ela é promessa, sempre será. Mas ele não se importa. Basta que entrem juntos, abram os olhos juntos e quem sabe fechem os olhos juntos. Seria excitante. Elas sabem fazer direito. Olhe para os tornozelos. Aposto como gosta de luz acesa. Não importa. O que importa é conseguir.

Finalmente consigo entrar. Não um toalete, uma cena de destruição em um filme de ficção científica. Úmido, frio. Uma das noites mais frias. Poças de lama, ameaças com canetas hidrocor. Conheça o inimigo. Eu no máximo sou o mensageiro, Mercúrio até o talo, covarde como Urano. Nas pontas dos pés, a água parada. Logo estarei aqui de novo, mais sorridente, menos preciso, água no rosto. Por enquanto penso na humanidade, na falta de assunto melhor, água correndo. Logo mais farei poesia, construirei filosofias, desvendarei destinos, água fria caindo na noite mais longa do ano. Carola fumava, fumava mal. Ainda era cedo, mesmo assim ela passara para o segundo estágio. Sorriso estúpido nos lábios, molemente abertos. Braços caídos, uma mecha displicente cobrindo o rosto. Havia algo errado, havia algo faltando. Havia um coração partido. Engraçado, não era o meu.

– Meu, cara, não acredito. Eu faço tudo praquela mina. Pra ela ficar o dia inteiro vadiando. Olha só tô toda suja (cigarro), toda descabelada. Quase perdi uma mão por causa daquela puta (mastigando o cigarro). Não sei por que fui botar a mãe dela no meio – Beto ri com as bochechas, acha graça até nas tragédias, não acredita na seriedade daquela história já ouvida tantas vezes. Acho natural, não vejo razão para desespero. Elas sempre se acertam. Ambas procurando possuir o falo da relação. Talvez a graça esteja no jogo sem vencedores. Sonia por sua vez destrói meus tímpanos. Poucas vozes rivalizam tão bem com alarmes de incêndio. A razão é sempre estúpida, machos que vêm e que vão. Chegadas e partidas. Náufrago nesse porto isolado eu vejo Garboso chegar com seu séquito.

Um, dois, três pajens. De uniforme, é claro. Eu, o bobo da corte. Para sempre eu espero. Sua mão é mais úmida do que o normal. Tropical. Garboso te olha sem ver. Óculos escuros na noite. Garboso une, assim como Sonia. Papel grudento para tapar os buracos. Garboso, assim como Sonia, agita. Vozes que se calam, eles falam. Atores principais. Sempre ótimas anedotas. Garboso olha sem rir, Beto vê com as bochechas, molemente recostado na parede. Mãos moles e úmidas que se tocam, que se separam. Garboso fala, uma voz de bebê manhoso. Não combina com a maldade. Garboso não combina, faz regras, explica o mundo, impressiona a todos. Impressiona a mim. Quem usaria sobretudo nesse calor, fora ele e seus cúmplices? Lobisomens. Garboso não é óbvio, não poderia ser um vampiro qualquer. Garboso tem sua própria trilha-sonora: eletrônica, industrial, apocalíptica. Mas Garboso não acredita em Deus, não acredita em deus algum à exceção do seu próprio mito. Sonia o tem ao seu lado. Rei e rainha. Querem ver o meu número com os malabares? Claro, será um prazer entretê-los.

– Isso aqui tá um lixo hoje – concordo com ele. Me sinto como uma caixa de leite vazia, mas, ao contrário das outras, eu não vou para o céu. Garboso me acha pedante, não sem razão. É parte dos meus prazeres secretos contradizê-lo. Os pajens me olham desconfiados. Raiva fria, quase palpável. Pergunto-me por que eles não se sentam. Todos de preto. Básico. A elegância do seu mestre é a sua. Tenho um rosto feliz

estampado no meu torso, obviamente eles desconfiam. O espião infiltrado. Indo contra a corrente. O grilo falante. Estranho em uma terra estranha. Mas essa terra me pertence, eu a descobri como qualquer outro aqui.

– Pois é, a champanhe que me trouxeram não é de uma boa safra – sorrio. Olhos semicerrados me olham com desdém. Sonia se limita a me xingar. Ela não gosta quando eu interrompo Garboso. Ele certamente iluminaria nossas vidas com uma nova filosofia. Vinda das sombras, uma nova maneira de entender o mundo. Meu raciocínio é lento, eu não entenderia.

Garboso me olha, nada diz. Encomenda cerveja preta. Samambaia já está a postos, pronto para receber ordens de seu querido mestre. Sim, eu era minoria, feliz em minha revolta. Ao menos desempenhava uma função histórica. Os netos dos meus cachorros teriam orgulho de mim.

– Amanhã vamos pra Flores acampar. Se quiserem ir junto me avisem – o convite não foi estendido a mim. Uma mentira a menos. Sono tranquilo. Conhecia o itinerário. Barracas, mosquitos, pouca comida, vinho de garrafão, uivos para a lua, Beto passando a limpo a discografia da Legião Urbana com um violão desafinado, e pior, cantando de olhos fechados. E, com Garboso lá, não sei que tipo de desvios sexuais seriam perpetrados. Prefiro a insanidade do concreto, do crime e do concubinato, é menos assustador. Ficariam ali fazendo planos, antecipando a felicidade. Ar puro e alergia das gramíneas. Água pura e preservada. Lua cheia, merece uma noite calma. Fantasmas humanos, longas e aborrecidas histórias. O gosto de vinho pela manhã que é muito mais manhã, que é implacável contra a preguiça. Dormir mal, acordar mal. Uma queda, um arranhão. Nunca mais voltar. Desejo de ver e sentir que nada mudou, que continuamos a ser infelizes como sempre.

– Tu não poderia usar algo menos espalhafatoso? – ouviria os gritos de Sonia a milhares de anos-luz. Estávamos a poucos metros, meu rosto afogueado depois de passar ao lado da fogueira xamânica. Vi na sua expressão que se decepcionara ao me ver. Queria mais alguns minutos de confiança com Germana. Como se eu prestasse atenção ao que elas dissessem. De qualquer forma eu me destacava negativamente na multidão. Se de um lado tínhamos sobretudos, botas e monstros, do outro havia jaquetas de nylon dos times de Atlanta, Cleveland, Chicago e Orlando e tênis nada discretos. Eu, por minha vez, usando um impermeável e chapéu, era um estranho no ninho. Mas pelo menos estava aquecido. Sonia parecia miúda ao lado de Germana, e eu me sentia liliputiano junto àquelas duas. Me sentei no canto habitual. Copo cheio, copo vazio. Sorriso amarelo. Sonia me encara por um tempo. Careta. Ela volta para a sua amiga como que ofendida. Copo cheio, copo vazio. Mais uma noite que se promete entediante como as outras. Tranquilidade. Ar frio que entra pelos menores orifícios. Tenho certeza, tenho certeza de que é isso.

– Ele nem olhou, tô aqui há quase uma hora. Nem me olhou. Será que fiz alguma coisa errada – Sonia sabe a minha resposta, me repreende antes que eu ameace abrir a boca. Quietos como um rato. Sorriso de satisfação.

– Claro que não amiga. O que tu poderia ter feito de errado? Esses guris são tudo uns trouxas, tão sempre dando desculpas. Te comem e depois fogem. Olha esse aqui. Largou a guria porque ela não cortava a unha do mindinho (verdade). Desculpa isso sim, ela era feia (verdade) e chata (verdade). Mas ele não vai conseguir coisa melhor (mentira). Há não ser que ele pague (verdade). E ainda assim achou bonito o que fez, não fica nem vermelho essa coisa – na verdade eu não poderia. De qualquer maneira eu não me orgulhava, nem sentia remorso. Houve épocas em minha vida nas quais eu procurava a verdade nas ações e nas palavras, mas isso foi há muito tempo. Também se acreditava no comunismo naquela época.

– Eu não sabia que tu se importava tanto comigo. Estou lisonjeado.

– Não. Cala a boca. Tu é só um exemplo. Um mau exemplo (verdade novamente, índice de acerto impressionante). É minha amiga que está com problemas se tu não consegue ver. Não sei por que tô te explicando as coisas, volta pro teu canto – copo cheio, copo vazio. Lágrimas de crocodilo. Samambaia traz mais uma. Um brinde ao vampiro. Limpo e louro de preferência. Somos tão pobres de sentimentos que não enganamos mais ninguém. Eu estou aqui, não desejo estar em outro lugar. Ouço os problemas, procuro soluções. Não existe problema. Não existem heróis, não existem vilões. A palidez é tal que é possível ver as veias. Sem um motivo real para seguir, por que não ficar parado? Escolhi esse drama, porque na verdade todos são iguais. Ao alcance das mãos. A consciência. Sou tão indispensável quanto qualquer outro. Ao alcance da mão. Existe nessa fumaça azul uma garantia de verdade. O extremo. Como se separando do orgulho chegássemos mais perto do real. Ao alcance das mãos. Copo cheio, copo vazio. Eles batem na porta do céu, com flores entre os dentes.

– Achei que vocês não chegariam nunca. Preciso animar esse ambiente – Sonia sorri com os olhos, Beto sorri com as bochechas, Carola sorri com a boca mole, sua companheira não sorri, desafia. Atrás deles uma pequena criatura das florestas sorri de verdade. Seu cabelo parece ter recebido uma carga de eletricidade. De repente compreendi. Seu sorriso é de desespero, conheço-o muito bem. Encontro um espírito amigo, juntos somos barro. Nunca nos tocamos, não trocamos mais do que algumas frases, mas carregaremos essa lembrança por um tempo desproporcional. Senta-se atrás dos demais, escondida. Lágrimas escondidas, reais. O drama que ela escolheu precisa ser vivido por inteiro. Sonia grita, urra. Já odeio sua falta de atenção. A eletricidade conduzida na umidade. Copo cheio, copo vazio. A companheira de Carola me olha com maior dureza que o habitual. Ciúmes? Impossível. (Tenta me sufocar com seu olhar.) Há algo acontecendo de verdade. Ao alcance das mãos. Copo cheio, copo vazio.

– É isso que eu não entendo. Todo mundo reclama, todo mundo fala de corrupção, de violência, disso, daquilo. Ninguém faz nada. Ficam todos de braços cruzados, esperando. Na hora de votar escolhem o mais bonito. Minha vontade era abrir a cabeça deles e botar alguma coisa lá dentro – Carola larga os braços em sinal de desistência, o cansaço lhe toma por inteira. O que fazer? Não posso ajudá-la, não tenho essa vocação. De qualquer forma não era para mim que ela discursava. Sua plateia era ninguém, eram todos, especialmente Sonia e Garboso. Risos por dentro. Qualquer coisa de ridículo e Beto já estava acostumado. Carola era uma bêbada violenta, não com os punhos, mas com as palavras, e odiava ser contrariada. Disso, o que você espera? Eu contrario. Não sempre. Apenas quando é impossível contradizê-la, quando o seu discurso é óbvio. Nisso eu entro, sou a escada, sou sua esperança. Minha negação é seu combustível. É óbvio porque eu nego, sou a representação do negativismo, o terceiro decanato. Carola adora de verdade, pois sou o adversário que não tem chance de vencer. Quando critica a novela das oito, o funk carioca ou o Paulo Coelho, sou o primeiro a defendê-los, mesmo que eles não precisem. Carola me olha com gratidão, apenas eu entro no seu jogo.

– Isso não interessa, não posso fazer nada, não é problema meu – Sonia seria uma criança mimada insuportável. Porém ela não era mais criança. Alguém pagava. Não era eu, eu mal possuía dinheiro para minha cerveja. Estava livre. Não precisava ser o inimigo. Melhor assim, estava cansado, preferia beber sem pensar. Esquecer que Garboso estava assim tão perto.

Carola tinha os olhos lustros de fúria, Sonia sorria com os olhos, tragava toda a vida. Germana vinha, de longe se via. Vozes eram desnecessárias, então por que os gritos eram tão altos, toda a noite, por todas as noites? Amiga. Verdadeira talvez. Mas

meus ouvidos sofriam. Do alto ela não me reconhece, não reconhece a ninguém, finge qualquer coisa para qualquer um. A atriz não era mais atriz, era estrela. Apenas existia e o seu mundo era outro que rodava mais lentamente, ou então eu não compreendia. Ela não compreendia. Grená, lânguida, como um gato preguiçoso, suspiros de tédio, suspiros ao pé do ouvido, o olhar baixo que não me vê, não me escuta.

Mas se Carola não discute com Sonia, conhecendo de antemão a derrota frente ao seu egocentrismo, eu o faço. Não porque ache justo, ou porque é importante. Apenas pelo movimento, pelos momentos de excitação. Sonia a princípio não compreende que eu sou o inimigo. Prazer. Com Germana são duas, com Garboso são três. Mas Germana só está ali por inércia, apenas um desejo secreto lhe tiraria do lugar. Caninos à mostra, não percebo o seu olhar, luto desarmado, mas luto sem ter o que perder. Como uma realidade alternativa. Vingança. Contra o ar, contra a água.

Desfile na multidão. Altas demais para não se perderem. A realeza vai garantir a satisfação da noite, que não é carne, não é sangue, não é nervo. Quase caí em uma cilada, mas sou mal educado ao ponto de recusar. Samambaia lhes garante a proteção, Garboso não está a fim. Caninos à mostra e um vampiro não se satisfaz com sangue. As massas se agitam, muros são pichados, panelas são espancadas. E no ódio descobrimos a beleza, ruiva artificialmente, fingindo-se sedutora, bela. Caninos à mostra. Elas voltam. O tempo passa. Aliviado eu rolo junto ao lixo, me corto nos cacos de vidro. Algo em movimento. Alguma esperança.

E porque Beto continua a sorrir, e porque Carola se cala e sorri um pouco desanimada, e porque Garboso cria um novo sorriso cínico, e porque Sonia sorri com os olhos demasiadamente abertos, e porque Germana sorri sem vontade, por isso e mais um pouco, é que minha gargalhada é insana, assim como minhas danças e minhas imitações. Uma nova vida não seria o bastante.

Não há laços nem fitas nos unindo, tudo é fino, o menor átimo e todas as partículas se dissolverão no ar. Um ano, talvez uma década. O importante não é esquecer, nem inventar um sentido, ou algum tipo de lição. O importante é crer que obedecemos a vontades inquestionáveis, a vagas avassaladoras. Nossos corpos e mentes sem o controle absoluto, pois não é uma questão de orgulho ferido, e sim de mais uma comédia representada sobre a terra.

Sonia tenta, na melhor das intenções, animar aquele ambiente hostil. Mas ela é tão engraçada quanto eu, todas as suas piadas são repetidas. Parece que a amiguinha de Carola não conhecia. Um assombro, uma estrangeira. Pela primeira vez conheço seus dentes. Doce é a ignorância. Um pouco ridícula também. Eu não me atreveria a tanto. Olho para o nada em busca de alguma coisa. O amigo do vampiro fala alguma coisa enquanto olha para o nosso grupo. Coordenadas de guerra. Medo e ressaca. Mas de uma certa maneira ele é um corajoso, de uma maneira suja.

Sonia tem outra ideia. Algo escureceu no céu. Com interesse verdadeiro, ela pergunta a nossa nova integrante sobre a vida dela. Marion é seu nome. Eletricidade, só nos cabelos. Sua voz é mais frágil que um pernilongo. Marion. Gostaria de saber qual o vinho que ela gosta. Não, ainda não.

– Sabe aquela farmácia depois do banco – geografia era o nosso forte, o dela matemática. Rápida, sorriso rápido. Nada deveria permanecer na nossa mente, sua história, sua imagem deturpada. Sua presença era uma acaso. Só ela sabia. Conhecia o futuro, um desvio de rota, uma caprichosa coincidência. Meus ouvidos bem abertos para poucas frases que nada dizem – uma pena.

– Caralho! Que friodaporra – com sutileza equina, a amiga de Carola cortou o assunto. Deveriam ser primas. Primas separadas pelo desejo ou por três bairros. Não

conseguia olhar seu rosto, tinha medo. Alguma coisa subia pelo pescoço, uma tatuagem? Desvio o olhar. Me protejo.

O silêncio novamente voltou, dessa vez mais imperioso. Agora, apenas com muito treinamento e astúcia poderia ser quebrado. Possuíamos poucas ferramentas, um pouco mais do que nossas unhas.

Germana aproveitou o tédio e o frio para tomar uma decisão. Errada ou não, era uma ação. Algo de vivo e luminoso se movia no inverno cinza e azul. Vivo e grande como um monstro pré-histórico.

Apesar das pernas grandes, os passos eram de certa forma curtos e vagarosos. O corpo contra a mente. Ninguém ganhava. Todos na mesa fingiam não perceber o movimento. Exceto eu, eu era todo atenção. Me interessavam, as espécies. Não conseguia ver o seu rosto, o que seria especialmente comovedor, mas pelo menos conseguia perceber as expressões do vampiro amigo, aquele das latitudes e longitudes. Primeiro olhava e falava regularmente, depois tentou disfarçar, pronunciando com o canto da boca frases curtas e certeiras. Era o inimigo que se aproximava vacilante. Uma estátua seria erguida em homenagem àquela manobra, restava-nos saber quem sairia vencedor.

Tudo na vida acontece muito rápido, ao ponto de parecer tudo uma alucinação, exceção feita à espera pelo ônibus perdido e ao café que não esquenta. Germana que arquitetou as palavras, na hora não soube o que fazer delas. Foram todas preteridas a outras mais simples, mais abrangentes. Eu podia ver seu perfil, seu rubor atrás das manchas na pele. A indecisão e o raciocínio lhe atrapalhavam a respiração. Antes tudo fosse feito no automático.

Ela voltou mais cedo do que o previsto, mas não parecia abatida. Na certa foi vencida, mas a derrota era mais amiga e menos amarga que a vitória. Um pássaro ferido. Lambo seu sangue, mexo com suas asas, ele abre o bico, mas não canta. Mais uma vez a roda gira. A porta se abre, novos clientes trazem novas rajadas de vento tão velho quanto as árvores que foram especialmente derrubadas para nos aquecer. Amém.

– Mas que meleca esse som – Garboso inventa gírias, inventa palavras. O futuro por que não? A culpa é minha por desconhecer um deserto próximo. Cavalos soltos. Brancos. Alazões. Garboso amarrado como um índio de faroeste, só que sem a minha simpatia. Poeira, é para ela também nossa prece e sacrifício. À nossa garganta também. Um estômago melhor e eu aplaudiria qualquer bobagem dita. O copo lá em cima, o sotaque não sei se de pai ou de mãe. “Make a toast, a toast in your honor, i hear you laugh and beg me not to dance, ‘cause in your right standing by is Mr. Bojangles, with a toast he’s telling me it’s time”. Carola enquanto isso esvazia de um gole só, tentando preencher o buraco com cerveja azeda. Me olha por instante. Desisti. Sou um sátiro, fóbico.

– Me dê um real e eu boto Agneta pra cantar – todos me encaram sem entender, enquanto Germana suspira. Conto com Sonia pra quebrar o gelo. Ela não falha.

– Do que tu tá falando, animal? – os fantoches novamente, já me contento com esse papel. Caco, o Sapo. Às vezes me cansa. Agora preciso de algo mais filosófico com baba escorrendo e duas ou três excitações defronte a palavras difíceis. Refogadas.

– Oh por favor, Sonia, vai dizer que esqueceu nossa música com as boas e velhas quatro letras cantando em uníssono que o ganhador leva tudo? – mais silêncio, dessa vez ainda mais perplexo, confundido, estúpido. Suor salgado que resfriou, somos estátuas de areia, daquelas mal feitas, faltando partes, mas que falam inglês que é uma beleza – The winner takes it all?

– Babaca! – sua resposta é além de tudo uma confissão. Ela não gostou de ser minha cúmplice. Não possuo um espírito que anda pela noite em busca de trocados, guimbas de cigarros em latas vazias.

Porém, ninguém gostou da minha proposta e ficamos todos com medo do escuro mais uma vez, nunca a última vez. Afinal nada acaba. Um dos lobisomens uivou, mas não foi atendido. Queria partir, mas era cedo, precisávamos de mais um par de horas. Garboso era paciente com os novatos. Lhes oferecia o mais doce dos néctares. Nunca desconfiei, sempre tive certeza.

Sonia esqueceu minha provocação, nesse sentido éramos parecidos, não guardávamos rancores por muito tempo, nada que não desaparecesse com os séculos. Eu, por minha vez, gostava de lembrá-la, ver o medo em seus olhos tão expressivos. Apesar de todo o seu desgosto, apesar de todo o seu ressentimento, algo nos unia. Era nessas horas que ela se tornava sombria de verdade. Talvez por não compreender os motivos, talvez por não entender por que a balança pedia para o meu lado justo quando não deveria pender. O horror, ela dizia agora, sóbria em suas reminiscências. Me sabia mais estúpido e abjeto tanto quanto os outros poderiam imaginar. Suponho que Germana estava a par, mas Germana seria uma queda longa demais.

## Cassandra

A decoração não poderia ser mais óbvia, obedecia a todos os clichês. Pelo menos foi o que ela conseguiu ver na penumbra dos incensos e charutos. A boca à sua frente dizia qualquer coisa que ela não podia compreender, tentava focar a atenção nela, mas era impossível. O cabelo era um emaranhado de fios em tons de cinza amarrados displicentemente em um coque no meio da cabeça. Desceu até as orelhas grandes carregadas de enormes brincos dourados, para finalmente chegar aos olhos, olhos miúdos, quase absorvidos pelas pálpebras. Corriam de um lado para o outro enquanto as palavras eram pronunciadas em um lento sussurro. Palavras que ela não entendia, mas que sabia não palavras agradáveis. E quanto mais ela tentava acompanhar aqueles olhos, quanto mais os sons pareciam uma espécie de prece, tanto mais o ar carregava-se de incenso, tanto mais distante ela ficava. Sentiu uma mão gelada agarrar seu pulso e não teve nem coragem, nem vontade de dizer alguma coisa. Sua visão assemelhava-se a um efeito caleidoscópico dos anos sessenta, só que mais escuro e mais bizarro. “Vamos, vamos, você ficou um pouco impressionada, minha menina”, sim, impressionada, como se ela pudesse compreender qualquer coisa que a impressionasse. Alguém a acompanhava, estava de pé, deu alguns passos, uma mão segurava seu braço, a outra tocava seu ombro. Ouviu uma porta que se abria com dificuldade, logo depois viu luz, seu passo vacilou, havia um canteiro e ela viu seu próprio corpo desfalecido, era uma visão estranha aquele corpo pálido no meio da terra.

Abriu os olhos e viu que o céu também era pálido, azul desmaiado, o céu de um dia bonito. Não poderia ser mais sem graça. Um rosto moreno se aproximou, o nariz de ave de rapina era ainda mais assustador visto daquele ângulo. Palavras simpáticas soaram, ela respondeu com movimentos de cabeça. Logo estava de pé, logo depois tentou pagar, mas o dinheiro foi recusado, “volte quando estiver melhor, e então aceitarei o seu dinheiro”. Provavelmente não foram essas as palavras ditas, mas ela as escutou assim.

As ruas do centro estavam povoadas, pessoas carregando pacotes vermelhos e verdes tinham pressa, mas pareciam não sair do lugar. Ela não tinha força o suficiente para desviar dos transeuntes apressados, nem para aguentar um possível choque, caminhou junto às vitrines em um arrastar de pés nada elegante.

Sentou em um banco da praça, ao lado dos senhores que assistiam o eterno passar das mulheres da calçada. Eles já não possuíam assunto, apenas olhavam e aprovavam, talvez lembrassem alguma história antiga, talvez não. Os anjos de cornetas apontadas para o céu denunciavam seu pecado, ela fora buscar as respostas por meios que deus não aprovava, agora estava recebendo a sua penitência. Tentou lembrar o que havia acontecido. Havia a pequena mesa, havia as cartas sujas e oleosas, havia a fumaça, havia a senhora, e havia o valete de espadas que era igual a ele, mas o valete estava longe dela. Havia o rei de copas perto dela e algumas outras boas cartas, mas ela não se interessava, pensava apenas no valete e na sua distância. Era impossível trazê-lo para perto. Dentro da bolsa um monte de lixo que deveria ter significado, mas que agora não dizia nada. Pombas pousaram e vieram na direção dos velhos e ela imaginou o rei de copas vindo na sua direção, sentiu uma ânsia, apertou a mão contra o estômago, pensou em correr para um banheiro, mas a vontade passou. Não tinha vontade nem de passar mal, olhou para o céu novamente. Com um azul melhor, ou um dia mais feio, a vida poderia ser mais fácil.

MAIKEL DE ABREU

Aos que querem partir.

## Finados

Ela não tinha nenhum parente próximo enterrado em lugar nenhum. Portanto, o dia de finados não tinha relevância. Há quatro dias ela não dormia direito, tinha profundas olheiras, pálida e sem fome. Era jovem o suficiente para saber que não iria morrer logo com aquela vida desregrada. Não, nada de álcool ou outras drogas, apenas descompasso no seu relógio biológico. Abriu o armário da cozinha, viu um pacote de bolachas recheadas de chocolate. Havia trabalhos de final de semestre a fazer, roupas para lavar, louça para secar, mas nada queria fazer naquele feriado inosso. Assistiu um filme em preto-e-branco. Sentiu saudade da época em que era amada e que amava. Por que minha vida não é um filme? E não é? – pensou.

Então entrou na própria brincadeira, pensou qual gênero poderia ser. Teve medo de definir, pois era inimiga das definições, a cada par de horas ela mudava qualquer tipo de definição feita anteriormente. O nome do filme do dia seria “O dia dos mortos”. Nada original, riu para si mesma, pois senso de humor nunca teve, sorria sempre por dentro. Nem ao menos no espelho, pois se achava feia demais sorrindo e irresistivelmente bela estando séria. Era uma forma radical de mostrar para todos os rapazes que ela tinha suma importância, e que mereceria muito mais do que sexo casual. Mas nem sempre funcionava. Por muitas vezes ficou calada em um lado esquecido da cama, tão próximo da carne e tão distante de qualquer afeto.

Sobraram três amores. A esses três aplicou estratégias similares. Largou cada um quando a paixão estava no auge, mesmo ela também amando e estando contra sua vontade. Havia descoberto então um jeito de perpetuar-se na memória do bicho homem.

Pegou o telefone:

– Oi – seu oi era furtivo, como um assassino nas sombras.

– Oi, é o Carlos.

– É Vanessa.

– Oi. Tudo bem?

– Sim.

– Aconteceu alguma coisa?

– Não – silêncio.

– Pode falar, que houve?

– Queria só ouvir tua voz... – ela na verdade não queria.

– Ah. Nossa, que estranho. Tu some e depois quer ouvir minha voz.

– Sim, eu sei. Desculpe, sou meio complicada, tu sabe.

– Sei.

– Vai fazer alguma coisa de tarde?

– A princípio não.

– Quer me ver?

– Hmm. Pode ser, te encontro onde?

– No cemitério municipal. Tenho que deixar flores lá. Me espera naquele barzinho que tem ao lado.

– OK. Que horas?

– Às três.

– Beleza, nos falamos.

Desligou o telefone, discou outro número.

– Alô?

– Oi, é Vanessa.

– Oi Vanessa, quanto tempo?

- Bastante não?
  - E então o que houve?
  - Liguei pra ver se de repente tu tem um tempinho hoje de tarde.
  - Olha, até tenho. Por?
  - Tinha vontade de te ver.
  - Ah... Sério?
  - É. Pode ser às três?
  - Onde?
  - No cemitério municipal, no barzinho que tem ao lado.
  - Hmmm. Hoje aquilo vai estar cheio... Mas eu vou... Às três?
  - É, eu sei, tu te importa?
  - Não. Faz tempo que quero te ver.
  - Bom. Muito bom. Tenho saudades de nós, Luis.
  - Eu também. Nos falamos. Até.
- Novamente desligou e mais uma vez discou.
- Oi? Marcos.
  - Oi, é Vanessa.
  - Oi – breve silêncio – Precisa de algo? – não era um tom de voz receptivo.
  - Parece meio idiota, mas eu sinto saudades.
  - Tu é louca?
  - Sou. Tu sabe.
  - Não pode vir me ligando assim, o que é isso? E se a Gertha descobre que

ainda converso contigo?

- Desculpe, ela está perto?
- Não, ela viajou. Foi ver a mãe.
- Seria pedir muito querer te ver?
- Ah... Quando?
- Hoje.
- Tu acha que tu me tens na mão né?
- Não, só queria matar a saudade.
- Negativo.

Ele desligou sem dizer tchau. Ela preparava-se para ir para o banho. O telefone toca novamente.

- OK, onde e que horas?
- Cemitério público, no barzinho ao lado. Três horas.
- Certo. Não vou tolerar atrasos.
- Estarei lá.

Mais uma vez ele não disse tchau.

Ela despiu-se na sala, deixou o pijama no chão. E foi para o banho. Pensou em tocar-se, mas preferiu guardar prazer para depois.

Duas e meia da tarde e ela estava em uma pequena lancheria do outro lado da rua do cemitério municipal. Tinha uma visão privilegiada do pequeno bar ao lado do cemitério. Inúmeras cadeiras e mesas amarelas de plástico dispostas na frente do bar. Marcos estava lá sentado. Um jornalista e crítico literário ranzinza, alto, magro e de cara fechada. Ela observava Marcos de longe lembrando de seu cheiro, de sua truculência, de sua maneira agressiva de fazer sexo. Ele era teimoso demais, um pouco grosseiro, raramente gostava de sair. Quando ficava irritado, franzindo a testa, Vanessa quase sempre o imaginava dentro dela. Apenas de observá-lo lá de longe, ele lendo o jornal com cara de quem acordou com o pé esquerdo, sentia um vazio entre os rins. O fim para Marcos foi um insulto, como se Vanessa cuspiisse em sua face.

Em seguida, veio Luis. Sentou-se duas mesas longe de Marcos, onde ficou lendo uma revista que trouxe consigo. Luis era um espírito livre. Cabelos longos, barba por fazer, ganhava pouco com trabalhos fotográficos e vinha de uma família de posses e quase perfeita. Luis não fazia sexo, fazia amor. Ele era um homem delicado, suas palavras eram macias e penetravam nos ouvidos de Vanessa fazendo com que ela se sentisse a mais bela criatura de Deus. Adorava passar os fins de semana com a família dele. Vanessa sentia-se uma primeira-dama. Mas Luis era instável demais como ela. Luis era alguém sem casa, sem país, sem pais – não pertencia a nada e a ninguém. Mesmo duvidando de suas palavras finais, ela decidiu largá-lo. Ele estava lá, sentado com uma paciência sobrenatural comparada à de Marcos, que havia folhado todo o jornal três vezes.

Passaram-se dez minutos e Carlos sentou-se próximo a Luis, na mesa ao lado. Carlos era jovem e consolidava uma carreira política através de anos em um partido de esquerda. Era um homem de ideias, tinha um discurso sedutor, mas era um tipo frio e egoísta. Mesmo assim, Vanessa o amou simplesmente pelo fato de que ele deixava bem claro que nunca precisara dela. Nunca falou isso diretamente, mas deixava subentendido nas festas do partido, em jantas com outros candidatos nas quais deixava Vanessa deslocada. O que fazia Vanessa ficar atordoada com aquele homem frio era o talento dele de influenciar pessoas, de conversar com todos os tipos de igual para igual. Talento que ela nunca teve. Depois das jantas, das reuniões partidárias, iam para cama – depois do gozo, ela imaginava-se futuramente como uma Evita Perón. Queria ser aquele tipo de mulher por trás de um grande homem.

Não deu cinco minutos e Carlos puxou conversa com Luis. Os dois provavelmente conversavam sobre o tempo. Torceu ela para que não perguntassem o que estariam esperando. Marcos, o antissocial, apenas observava os dois conversando com rápidas olhadas. Nenhum deles se conhecia. Ela sempre guardou em segredo seus mortos.

Ela saiu, pagou o café com algumas moedas. Tomou um táxi. Passou em frente do bar onde os três esperavam, observou-os com ternura. Tomou o caminho de casa.

Chegou com fome, acendeu três velas sobre a mesa, preparou uma massa com molho branco. Abriu uma garrafa de vinho tinto. Recebeu três chamadas no celular, desligou, não queria ser incomodada durante seu rito de luto. Sentou-se na sacada, onde seus três gatos apanhavam sol no fim da tarde. Embebedou-se, deixou a massa queimar. Sua imaginação combinada ao vinho tornava sólido tudo o que pensava. Pegou seu bloco de notas e começou a escrever três histórias sobre a vida de três mulheres diferentes. Riu e chorou à medida que sua caneta deslizava sobre o papel áspero construindo suas falsas biografias. Não parou de escrever por seis horas. Acabou com a garrafa de vinho, jogou a massa no lixo, comeu mais bolachas, não lavou a louça. Largou o bloco de notas sobre a mesa de centro. Saberia que seu novo romance seria um sucesso. “Sou três vidas falsas” – pensou no título.

## Dead man walking

*“Só quero ir indo junto com as coisas,  
ir sendo junto com elas, ao mesmo tempo,  
até um lugar que não sei onde fica,  
e que você até pode chamar de morte,  
mas eu chamo apenas de porto”.*  
(Caio Fernando Abreu, “Lixo e Purpurina”)

Começou a lamentar. Aos pouquinhos de um tempo pra cá. As rugas do franzir da testa, dois ou três cabelos brancos, as crises de nostalgia, a economia das palavras, a derrota que sofria dias a fio pelo sofá da sala, a aversão ao barulho e a adoração daquele silêncio, que era o mesmo tempo uma tortura.

“O que me faz morrer assim tão rapidamente?”

Sorrir já era um enorme esforço. Fingir estar feliz não era tão fácil como imaginou um dia. Sobre ele aderiu um rótulo de coisa amarga e estragada. Quem o cruzava nos corredores da garagem, ou no elevador, não tinha mais curiosidade em saber quem ele era, o que foi ou o que seria. Por vezes, ao olhar pela janela, além das duas quadras de tênis, da piscina, via no outro prédio do mesmo condomínio pessoas desfrutando da paz de seus lares com as respectivas famílias.

“Sou meu próprio cárcere e perdi a chave”

O espelho jamais foi retrato. Quando foi apaixonado perdidamente por si, dizia: Que belo retrato que sou.

Havia um rosto jovem, ao fundo azulejos brancos e brilhantes de tão limpos. Houve uma mulher e o barulho das crianças. Seus olhos pertenciam a ela, a eles.

Sua morte estava ali, no fio de cabelo que descia pelo ralo da pia, na fadiga do corpo, no mofo que agora cobria os azulejos esverdeados que um dia foram brancos... A morte não acabava somente com a vida, por mais que todos os livros, médicos, sábios, santos e deuses já dissessem que ela faz parte. Enterrou épocas e memórias. E ali estava o morto em vida. Quebrou o espelho.

A mulher, as crianças, partiram pro lado de lá daqueles muros gradeados, longe daqueles portões que se abrem à distância, distante dos bips que abrem e fecham as travas das portas de carros do ano. Da vida que foi vendida naquele cartaz: um casal de meia-idade exibindo dentes brancos, junto a sorrisos de duas crianças com poucos dentes de leite, de camisas polo e raquetes de tênis nas mãos. Longe do paraíso que financiou em salgadas parcelas descontadas em folha.

Quando ela e os pequenos se foram, aquela segurança era tudo o que não queria mais. Se saísse dali, encararia a face suja da rua; se descesse do carro, pisaria no chão imundo de uma terra estranha, sem síndico, sem vigias, sem lâmpadas de acionamento automático e pessoas de simpatia duvidosa rasgando-se em sorrisos de invejar o éden. E naquele sepulcro coletivo de segurança máxima de vinte apartamentos (um por andar), jazia ele em uma banheira de água fria e turva esperando pela sentença final.

## Última placa

Viu seu rosto no espelho. Não gostou. Já fazia tempo que não gostava de nada. A assimetria das coisas lhe embrulhava o estômago. Trocou os móveis de lugar dezenas de vezes, comprou quadros novos, enfeites, incensos, discos, revistas e livros. Procurou novas informações, novos aromas, novas emoções, novas cores. Tudo provocou náuseas. Como se a vida estivesse lhe envenenando.

No trabalho via uniformes – invólucros com pessoas dentro. Rostos concentrados, interessados, ambiciosos, loucos para puxar o tapete de alguém com os dentes cerrados de tédio. No trajeto de volta pra casa, o mesmo horário, sempre os mesmos apressados com fome e vontade de não perder o último bife, o último capítulo. Vida de referências. De setas pintadas, pichadas ou luminosas apontando para todas as possíveis direções.

Sábado, chope, bar, amigos e amigas. As conversas mais interessantes já pareciam contadas antes. As histórias banais eram insuportáveis de ouvir. Embebedava-se quase sempre, calava-se, ficava pensativo e um pouco inconveniente por estar tão retraído.

A última mulher por quem se apaixonou perguntava o motivo dele ser assim... Frio, robótico, exato, sem sal, apático, cinza. Já foi um homem de emoções. Já foi. Agora virou uma pedra que rola da casa para o trabalho e do trabalho pra casa. Talvez mantenha os motivos dessa sua transição ocultos até o dia em que a terra o engolir.

Segunda-feira, saiu para o trabalho dez minutos mais cedo. Nos dois segundos que virou seu olhar para o rádio para ver qual estação tocava aquela música de verão – *take advantage of the season to take off your overcoat the spirits will lift off those young men you provoke, but i'll be laughing knowing i will take you home* – um carro cortou-lhe a frente na avenida principal, os freios não parariam aquela massa de lata novinha em folha de três toneladas. O que pôde fazer, instintivamente, foi virar na rua que viu à esquerda. Uma pequena derrapagem, um pânico instantâneo. A contragosto, entrou na rua estreita da qual nunca havia passado. Seguiu em frente descobrindo um bairro novo. Perdido e brevemente desesperado, pisou fundo, entrou em uma rodovia. Avistou uma placa que advertia estar saindo dos limites da cidade. Por impulso, continuou a dirigir.

A partir do momento em que lembrou nunca ter ido além daquele trajeto traçado entre sua casa e o trabalho, ficou com raiva de si. Não pensou em mais nada do que deixou para trás. Despiu-se de todas as raízes nostálgicas que lhe prendiam. Não se importou mais com o celular que deixou em casa, se havia desligado o gás, se tinha fechado as janelas antes de sair. Em sua mente uma imagem de seu apartamento explodindo em uma enorme bola de fogo. Milhões de fragmentos voando em chamas.

Olhando fixo para o horizonte de piche, as miragens do sol no asfalto sugeriam a imagem do fogo queimando tudo aquilo que lhe dava náuseas. Passou pela última placa, não conseguiu ler. Sabia que era a última que obedeceria. Começou então a mais longa e perfeita gargalhada de toda a sua vida.

## Cabeça no vidro

Restos no prato, no restaurante, na mesa ao meu lado, lembram eu. Por aquele momento. No fervor da capital, no vai e vem de gente que nunca vi, nas ruas apinhadas de universos andantes com diversos destinos pela infinita Porto Alegre, me perco e gosto. Deixa eu me perder. Ser o rosto anônimo que ninguém viu e ninguém quer saber quem é. Se em mim houvesse beleza que fosse notada, não seria pelas pessoas apressadas que lotam os metrô, os ônibus no ritmo caótico que para mim é uma síntese de harmonia.

Mas há restos. Homens jogados no meio-fio, insiste minha cabeça, lembrar que ali está alguma parte minha. No menino de rua, no cão que segue o mendigo, na prostituta passando frio, mesmo eu estando quente, seguro, bem vestido, alimentado e limpo.

Há algum pedaço perdido, sobrado que alguém não quis. Respiro o ar poluído, observo tudo o que os homens construíram com admiração profunda, desde o cinza sujo e melancólico da zona central à harmonia dos plátanos na zona nordeste. Não sei o que se perdeu, mas senti ao caminhar (pois o caminhar é esquecer, é mudar, é purificar-se) pelos parques belezas escondidas nas quais desejei estar e ser qualquer paisagem de lá, nem que fosse o eu inanimado, sem sentimento nem pensamento. Então aos poucos fragmentos da minha memória de infância montavam-se como um mosaico e convenciam-me de que lá um dia seria meu porto. Jamais esquecerei da noite em que, embriagado, encostado com minha cabeça no vidro do carona, admirava as luzes espelhadas no Guaíba e naquele espelho via o imenso espaço que me faltava. Um alegre porto tão grande como aquele rio. E quando voltei pela mesma estrada me dei conta do imenso vazio no peito. Aquele vazio incompreensível que nunca coube em mim.

## Macacos, ratazanas e pássaros

para todos os perdidos precoces que hoje são livres

A última gota de amor foi pelo ralo. Treze anos apenas, sentia na pele a falta que o amor lhe fazia. Saiu correndo pelas ruas pra tentar esgotar-se. Afogar um sentimento que não cabia nele. Uma fúria estranha da qual não sabia direito a origem. Os transeuntes não o percebiam, pois o caos do meio-dia era grande – um louco a mais ou a menos correndo na rua não fazia diferença.

Corria esbanjando juventude, tudo estava no auge – o tesão, a capacidade de amar, a beleza, a disposição. Então seu padrasto chegou em casa pela milionésima vez quebrando todas as coisas que encontrava no caminho. Quando lembrava daquilo não se sentia digno. Era estranho, não se achava normal. Na escola saía do corpo, não ouvia nada e ficava no mesmo canto. Vivia em outro mundo e era quase imperceptível.

Sendo rato de SOE, sua mãe nunca aparecia na reunião de pais e mestres. Para os professores ele era um caso perdido. Pobre guri, sem pai nem mãe nesse mundo, o que será dele? Se não virar marginal, não terá futuro – ouvia uma vez ou outra de dentro da sala da diretora. Eles dizendo que era para seu bem, a mesma ladainha de sempre, na verdade lhe excluindo de maneira mais cruel do que seus colegas que eram crianças.

Correu, correu, correu. Parou, pensou. Correu de volta. Abriu a porta do apartamento e aquele monstro estava de pé na sala fedendo a álcool. Sua mãe, uma ratazana amedrontada no canto da cozinha. Ele veio pra cima do garoto caminhando como um macaco. Deu-lhe um empurrão e o franzino garoto caiu sentado. Uma retrospectiva de quantas vezes baixou a cabeça perante o macaco veio na memória. Perdeu as contas. Uma vez sentia pena da mãe. Mas naquele momento parecia que os dois eram feitos um para o outro. Ela sempre limpando vômito, retirando as queixas da delegacia da mulher, cozinhando, tirando a poeira dos móveis dez vezes por dia e sempre sorrindo pra não apanhar.

O garoto levantou-se com muita calma e confiança. Sabia onde despejar o magma incandescente que havia no seu coração. Furtivamente foi até o quarto.

Chegou nas costas do monstro, viu sua mãe no chão a chorar como sempre. Fechou os olhos e deixou a fúria rasgar a carne. Desferiu o golpe mais forte que dera em algo na cabeça dele com o bastão de jogar taco. Caiu. A fúria deveria ter acabado, mas continuava a brotar de um jeito estúpido e brutal. Continuou batendo, batendo, batendo e batendo. Perdeu a noção de tempo. Seus braços já doíam e decidiu parar. Largou o taco ao lado daquele monte de lixo que ainda respirava. Voltou-se para a ratazana e lhe disse com uma convicção de um homem feito e decidido:

– Gostaria de te dar uma surra também. Mas tu apanhaste demais. Chega. Tô indo. Te ferra. Tu merece essa coisa aí. Hoje tu perde um filho e ganha um marido paralítico.

Saiu pela porta com um sorriso nervoso e estranho no rosto. O fim da adolescência foi tão brusco. Um homem com uma cara de guri andou nas ruas à procura de um lugar qualquer. E um dia a sensação de abandono que sentiu a vida inteira transformou-se em liberdade.

## Ela, Amanda e eu

Quando chego em casa ela ainda está de camisola. Me pergunta, sem vontade, o que eu quero comer. Sinto tanta culpa de vê-la se arrastando o tempo todo com aquela enceradeira pela casa. Me enjoa ver um sorriso forçado toda vez que digo que devo ficar mais tempo no banco, quando tenho que dizer que vou jogar futebol nas quartas-feiras, quando quero jantar fora. Digo que vou com os colegas, mas não devo subestimar a inteligência dela – deve desconfiar que vou com Amanda.

Não sei quando veio essa súbita percepção. Percebo ali uma escrava. Escrava de desejos dos próprios pais. Lembro bem de quando nos conhecemos: eu jovem e imaturo, cheio de cegueiras sobre o amor. Ela, uma dama educada, daquelas raras, que todo o homem deseja, mas nunca ama o suficiente. A primeira coisa que seus pais me mostraram foi um book fotográfico, como se aquilo fosse um catálogo e o produto a ser oferecido fosse a própria filha.

Ela tinha tantas ambições, mas eu manipulava seus pais e os seduzia com o futuro promissor que eu tinha no banco, e eles a fizeram indiretamente desistir dos estudos e de uma possível carreira. Logo após nosso noivado já morávamos nesse apartamento. Quando ela conseguiu um emprego fiquei inquieto. Imaginei quantos homens a desejariam, e seriam muitos. Todo dia, quando ela se levantava para ir trabalhar, quando era ainda bela e competente com os cuidados do corpo, ficava eu com um ciúme inexplicável. Sabia de todos os artifícios dos homens para seduzir uma moça frágil e ingênua. Artifícios que usei, e confesso que foi fácil. Até o dia em que a convenci a largar o trabalho para que se dedicasse apenas aos serviços domésticos.

Hoje desejo que volte a tentar concluir os seus planos. Mas já não tem mais ânimo, não tem mais vida. Está gorda, abatida e insegura. Não tem a maldade que Amanda possui, não me arranha, não me chama de canalha de cachorro de filho da puta ao final de cada tarde suada de domingo, quase sempre em motéis retirados da cidade.

Em cada olhar fugidio de minha esposa, sinto as toneladas de culpa que ela me despeja. Em cada arroz queimado, o gosto amargo que ela carrega por todos esses anos. Por vezes desejei que ela saísse voando como um anjo. Imaginei e sonhei inúmeras vezes com bilhetes de despedida que ela me deixaria. Que estaria feliz em outro lugar, longe de mim, com outro qualquer.

Há tempos não se cuida mais. Toda vez que ganha peso eu vou a um médico que me concede receitas e compro todos aqueles diuréticos. Ela é viciada. Será que no fundo da minha consciência não a quero morta?

Mas creio que logo esse sofrimento terá fim. Já fui maldoso demais para agora me preocupar com o bem-estar dela. Deixei o suficiente em conta conjunta para que ela viva um tempo sem mim, depois ela ainda terá seus pais. O resto de meu dinheiro está onde ela nem desconfia. Mereço a perversidade, a sujeira, vulgaridade, luxúria. Mereço Amanda, a malvada, a cadela. No entanto minha mulher não merece um nome nessa breve confissão. A chamo simplesmente de “ela”. Estarei longe antes do final deste mês. Bahia. O calor, o suor. O reino que eu e Amanda merecemos. E quanto a “ela”, lavo minhas mãos. Mas o crime que cometi jamais me abandonará por completo, roubei uma vida e ninguém pode dizer que é crime. Se eu enterrasse uma faca no peito dela. Seria eu mais digno?

## Mercito Mad Bass

Em uma cinzenta metalúrgica do parque industrial de Caxias do Sul, os funcionários fumavam os últimos cigarros antes de começar o expediente. Mercito Mad Bass estava entre eles. O apelido Mad Bass foi dado pelos colegas de sua antiga banda de rock, onde tocou baixo sem ao menos saber afinar o instrumento. Mercito cresceu ouvindo Sex Pistols e admirando Sid Vicious. Inclusive foi a postura de Sid que moldou seu caráter (se é que Sid tinha um). Mercito Mad Bass seguia a seguinte rotina de vida: pular de emprego em emprego; drogar-se com frequência; espalhar para todos que se drogava e no fim do ano – não importava em que situação estivesse – ir para Florianópolis. Enquanto o final do ano não vinha, a noite roqueira de Caxias teria que suportá-lo. Mercito era um adicto exibicionista, foi visto cheirando em mesas de bares lotados, fumando maconha na frente da igreja em plena missa e até praticando sexo em via pública com uma punk do Parque dos Bugios.

Mad Bass já foi pego trinta e oito vezes pela polícia, tem dez processos judiciais pequenos dos quais também fazia questão de jactar-se. Nove dos dez relacionados à posse de entorpecentes e um da ex-namorada. Mercito pontualmente atirava pedras na casa da ex às nove e trinta e cinco, sempre aos domingos.

A sirene que tanto detestava soou. Hora de trabalhar. Já estava farto do emprego. Colocou-se atrás do torno. Torneava as peças de metal, ao terminá-las jogava na caixa com toda a força. Mesmo com muito barulho das máquinas, os estrondos foram ouvidos por todo o pavilhão. Quando aconteceu o terceiro estrondo, o supervisor veio intervir.

– Márcio. Jogar as peças assim, pra quê?

– É Mercito, eme, e, erre, cê, i, tê, o. Tem que soletrar pra ti, véio?- Tinha a voz rouca e fraca, cordas vocais curtidas pela cocaína, vodca, e em fumaças.

– Assim tu risca as peça. Tem que mandar polir de novo.

Mercito fez uma das caretas que arrancariam risadas do diabo. O velho supervisor nunca viu um cara tão doido. Um tanto assustado, passou a desconfiar que seu funcionário estaria alterado mentalmente.

Mercito continuou, jogava as peças com mais violência ainda. Depois de dez vezes, novamente veio o velho curvado e calvo.

– Márcio, não dá mais. Vou te botar pra rua.

– Mas pode botar.

– Vai então - apontou para o portão de saída – Tá na rua.

Mercito jogou as luvas de segurança para o alto, pulou e deu um soco no ar que lembrou o Pelé. Abraçou o velho à força, e deu-lhe um beijo na cabeça.

\* \* \*

Seriam quatro meses de seguro-desemprego, quatro meses de drogadição e bebedeira. Ao sair do departamento pessoal com um sorriso maroto no seu rosto trintão, embarcou no Opala branco cheio de amassões na lataria.

No caminho de casa passou pela curva do meretrício, pegou vinte de cocaína, deu uma parada na rodovia. Em frente à casa dos pais, a mãe molhava as flores com aquele rosto sereno que sofre.

– Mãe, fui pra rua.

– De novo, Mercito! Ai meu deus, e agora? Tu bebeu?

– Não. Tô normal, véia. Tô feliz.

O vizinho da casa ao lado esboçou um aceno para Mercito.

– Que tu tá olhando? Qué uma foto?

– Não... Eu tava só te dando oi - disse o vizinho na boa intenção.

– Que nada, faz tempo que tu me cuida!

– Mercito, não faz assim... - A mãe tentando acalmar a situação.

O vizinho recolheu-se.

– Mercito, meu filho. O que que eu fiz pra tu ser assim?

– Bebi água do parto – Entrou no portão de ferro baixinho.

– Vou pegar um dinheiro, pago no meu acerto. Não sei se volto hoje.

A mãe de Mercito calou-se, como em todas as outras vezes.

De volta ao Opala, pegou a avenida principal do bairro das estrelas para o centro. Era Sexta-Feira, resolveu adiantar o compromisso do domingo com a sua ex-namorada. Depois aproveitaria o resto da noite e talvez um amanhecer.

## Caveira

Caveira zanzava pela cidade dormente em plena quarta-feira. “Pernoite”: termo que havia inventado para seus passeios semanais ao embalo de variados tipos de drogas. Geralmente esses passeios duravam três dias. Quase sempre de quarta a sexta.

Saía do bairro das estrelas a pé, passando de posto em posto. Encontrava sempre algum conhecido, achacava dinheiro em troca de favores feitos ou por fazer. Figura carimbada, Caveira aparecia no jornal da cidade frequentemente ao lado de sua banda punk. Esse status lhe rendia penduras com alguns traficantes da curva do meretrício e favores das meninas que tomavam a lua nas esquinas.

Seria mais fácil perguntar a Caveira qual droga ele não havia usado. Droga que sempre negava o uso era o crack. Vez ou outra deixava vaziar comentários sobre o consumo, mas sempre escapava pela tangente dizendo que não era viciado. Era convincente, estava sempre com uns quilos a mais, e corado.

Nesta noite, ele estava com pouca sorte. Os poucos conhecidos que cruzaram seu caminho na madrugada estavam sem dinheiro ou inventavam desculpas para não lhe darem um tostão. Além disso, a polícia federal fazia investigação ferrenha em cada buraco da cidade. Nenhum traficante abria portas nem atendia celular.

Ele já tinha uma química no sangue. Pegou um litro de Johnny Walker Red Label a cinco reais de um viciado em crack, magro como a fome. Já voltava desanimado ao bairro das estrelas, adiando a “pernoite”. Quando urinava no muro de um prédio percebeu reflexos de luzes azuis e vermelhas. Brigada militar. Dentro da viatura um único PM, figura familiar, conhecido por muitos dos andarilhos da noite como DK. Não se sabia a origem do apelido, mas se sabia muito sobre as condutas do seu dono: uso das drogas que confiscava, carícias ou apertões na genitália dos meninos que revistava.

– Aí, DK! Tudo tranquilo? – Caveira sabia muito bem como tratá-lo.

– Quarta-feira Caveira? Começou cedo a festa. Não espera o fim de semana como todo mundo?

– Final de semana eu hiberno!

– Não toma jeito né? Não conseguiu nada hoje, né, seu verme?

– O que tu tem pra nós hoje?

– Entra no carro que vou pensar no teu caso.

Caveira entrou, DK dirigindo rumo a um bairro mais afastado do centro da cidade.

– Tira a camisa. Deixa ver se fez tatoo nova.

– Fiz uma aranha no mamilo, olha só.

– Tá gordinho. Não tá fumando mais pedra?

– Que fumando o quê? Nunca fumei, rapá!

– Olha como tu fala comigo...

– Desculpa, foi mal.

DK e Caveira chegavam ao antigo bairro dos vinhedos. Os morros, que um dia foram forrados de parreiras, hoje estão invadidos de casebres e barracas de lona. Coisa que a cidade custava a se acostumar – Caxias tem pose de cidade europeia – e de certo modo se recusava a mostrar aquilo. Dirigiram até um matagal que pertencia a uma construtora, lá ninguém ousava invadir.

DK parou na escuridão do mato fechado.

– Vou te dar a única bucha que peguei de um mauriçola – DK abriu o portaluvas. Os olhos de Caveira brilharam.

– Olha, tô sem grana, te prometo que pago quando puder. Faço qualquer mão, meto rádio de carro, assalto guri na porta de festa, vendo farinha de trigo pros viciadinhos. Só não me deixa na mão, por favor!

– Não precisa me pagar com dinheiro, não – apalpou as bolas de Caveira. Nem sinal de levantar a bandeira. Abriu o porta-luvas novamente. Olfato apurado pra cocaína, Caveira sentiu o cheiro da pura. O pênis ficou ereto. DK foi para o banco de trás, exibiu nádegas brancas. Caveira lhe pegou por trás. Durante todo o ato olhando para o pequeno pacote de coca no porta-luvas. A viatura balançava na escuridão do matagal.

Caveira foi pego por DK a primeira vez aos treze, quando começava seu caminho de excessos. Caveira hoje tem trinta e três. Naquela época, DK se iniciava em duas coisas: na carreira de policial e em ser sodomizado.

## Quem vai

Domingo: manhã azeda de. A tristeza sempre pontual. Depois das loucuras da noite anterior, de caminhões de frases sem sentido, sobrava apenas a tentativa de lembrar o que foi dito e feito. Lembrou com vergonha. A perda de controle, o extremo, a tempestade, a sede, uma ou todas as paixões possíveis.

A poesia. O arquétipo de quem vive dentro de uma e não durará muito tempo em plenitude. Passaram um bom tempo de bar em bar. Muitos momentos entre loucura e lucidez. Ela estava na cama em um sono fundo, pecado era fazer barulho.

Dormir junto a ela era a melhor coisa. Era deixar ser levado, atirar-se ao mar, negar a existência do mundo, ficar cego e não estar perdido, morrer não sentindo dor, desmaiar dono da consciência. A cama, aquele território onde as palavras eram inúteis e os olhos diziam muitas coisas.

No amanhecer, quase sempre o sol iluminava um templo de insanidade. Garrafas de cerveja e uísque pelos cantos, pó sobre espelhos, bitucas em cinzeiros. Resistiu à vontade de deitar-se junto a ela. Se o fizesse não sairia dali. Respirou fundo, seus pulmões estavam cheios e carregados. A tosse veio, caricata e zombeteira. Colocou em prática um plano simples. No papel rabiscou:

*Estou indo. Gostaria de nunca mais te encontrar. Se isto ocorrer, espero que estejamos bem. Tu sabes que é muito difícil te deixar. Não tenho mais controle sobre mim e muito menos sobre você. Não serei eu quem vai mudar o teu mundo. Sentirei falta das drogas, mas a perda irreparável será você. Separado de ti prolongarei a vida de ambos. Não vai ter um dia em que eu não pense em ti. Não terá um dia em que eu não imagine o que estaria fazendo. Me chame de covarde. Mas não gostaria de virar as costas para os teus olhos. Não se preocupe, não serei nem o primeiro e nem o último a passar na tua vida.*

Acariciou aquela pele pela última vez. Abriu a porta, não ligou as luzes dos corredores do prédio. Engoliu o choro pois nunca ganhou nada chorando. Tomou um táxi para a rodoviária. No caminho suas histórias estavam nas ruas. Desde a infância até a fase adulta. Desejou que no tempo tudo mofasse. Era necessário escrever linhas novas. Onde e quando não sabia.

## Os urubus do parque industrial

A fina cortina de fumaça produzida por dois cigarros dispostos em um cinzeiro em cima do balcão do bar pequeno emprestava ao ambiente um ar melancólico. Televisão ligada, os dois recém-conhecidos assistiam às notícias:

*Hoje à tarde, visitantes estranhos no parque industrial de Caxias do Sul. Foram avistados sobrevoando a região, urubus da espécie Coragyps atratus, vulgarmente chamados de urubus-de-cabeça-preta. Apresentavam estranho comportamento em relação aos funcionários de uma fábrica da região.*

O repórter entrevista um metalúrgico em frente à fábrica:

*Cheguei hoje de manhã e um deles tava no teto da guarita do guarda, bem paradinho olhando a fila de entrar. Parecia até o patrão. A gente só vê em filme essas coisa.*

*Foram avistadas até agora oito aves no parque industrial.*

*Esporte: Inter vence a copa Dubai...*

O dono do bar – de camisa do Grêmio – desligou a televisão:

– Chega de Inter, chega de urubu, tchê. Vai mais uma ceva pros dois aí?

– Dá uma pra mim – pediu Marcos, homem de ar deprimido, rosto cansado.

– Eu tô legal, já – disse João, dez anos mais jovem que Marcos, recentemente separado da namorada. Resolvera afogar as mágoas da maneira clássica: à mesa do bar do parque industrial, local onde ele e Marcos derramam o suor. – E então, chegou a ver algum desses urubus por aí hoje? - riu.

– Vi um. Eles tão por aí mesmo. Bichinho asqueroso. Tem a cara da morte mesmo - acendeu um cigarro na ponta incandescente de outro.

– E tu tá chamando a morte fumando desse jeito, home.

– Da morte não tenho medo. Tenho medo da dor. O cigarro é ampulheta – mostrou a mancha amarelada entre o indicador e o médio – Mas a bira é areia. Sei que um dia vem a conta. Vou te dizer que a ideia de morrer me persegue.

– Creedo. Como assim?

– Não sei explicar. Como se essa vida fosse um trabalho suado. Sabe, guri?

– Hmmm.

– Não te assusta, piá, é coisa boba.

– Não tô assustado. Eu só acho que às vezes a gente fica numa ruim, mas depois o céu clareia.

– Mas, guri. Pra mim faz tempo que não vem sol. Vou te dizer outra coisa doida.

– Pode dizer. Ultimamente nada me assusta.

– Tenho fixação por velório, caixão. Toda essa coisa de morte.

– Mas tá doido, tchê – ficou sério de repente.

– Repito – deu-lhe um tapinha nas costas – Não se assuste.

– Mas que motivo tu tem pra ficar pensando nisso? Porra. Tu me disse antes que tem piá pequeno. Isso é motivo pra ficar bem vivo. Tu mesmo, pelo pouco que te conheci, um homem trabalhador, honesto. Tu mesmo já é motivo pra ficar bem vivo, guerreiro.

– Não sabe o quanto já ralei nessa vida, guri. O tanto que me sinto cansado. Desde o dia que me casei.

– É mesmo?

– É. Vou te contar a história meio que por cima. Quando tinha mais ou menos a tua idade, comecei a namorar a guriuzinha mais bonita do bairro. De não confiar no meu taco, logo me casei com ela. Pra segurar a mulher, entende? Depois disso fui

conhecendo ela melhor e vi que ela era cheinha de si. Só que ela não fazia nada pra merecer o luxo que queria, era tudo nas minhas costas. Trabalhei quatro anos na fábrica pra poder comprar a casa que tanto ela queria pra nós. Quatro anos fazendo hora extra todo dia. Chegava na média de quatorze horas por dia. Na produção, guri! – olhou fixo nos olhos de João. – Serviço pesado. Me deu até uma hérnia de disco. E tu acha que tinha tempo pro médico? Que nada. Pau e pau. Mas consegui a tal da casa – tomou o copo de cerveja em um gole só. – Mas a poeira não baixou não. Depois da compra da casa, até que a gente teve um pouquinho de paz. Depois ela queria o carro e tinha que ser um lá que valia quase o valor da casa. Disse que não. Aí veio bala: vivia dizendo que não era mulher feita pra andar de ônibus lotado, falava da gente que se roçava nela na hora do pique, de homem rico que olhava pra ela. Ouvi isso por quase um ano, todo dia. O carro até foi fácil, fiz financiamento. Mas até hoje ando a pé pra ela ir nas amigas de carro – acendeu mais um cigarro.

– Cacete, e eu pensando em voltar com a namorada.

– Espera que tem mais, guri. Nasceu o meu piá. Aí vieram as despesas da academia, estética... Tudo pra ela voltar igual a antes da gravidez. Mais hora extra, muitas dores nas costas, minha cabeça mais perdida que cupim em metalúrgica. Vieram as comparações: “o Mauro e a Kátia compraram um carro novo”, o Luís e Mara compraram uma mansão”, “como fui burra de ter casado cedo”.

– Mas agora vou te interromper. E tu não dava a real pra ela? Eu não aguentaria não. Eu arrebetava a fuça dessa mulher. Com todo o respeito, mas se fosse comigo... Isso que nunca bati em mulher.

– Tu não tem filho.

– Não tenho.

– Pois é. Aí que tá. Penso no guri todo dia. Não me separei dela por causa dele.

– Tá, mas e aí... E aquela história de estar cansado? Nunca quis umas férias?

– Vendi todas. Mas descansar... Falando nisso lembrei do velório do meu tio.

– O que isso tem a ver?

– O cemitério parque, o gramado mais verde que o meu quintal, os ciprestes, os plátanos, os pinheiros. Paz que vi poucas vezes. O corpo do meu tio lá dentro, tive uma baita inveja. Só de olhar ficava descansado. Por um instantinho me imaginei lá. O caixão descendo, o silêncio, nenhum barulho de máquina, nenhuma ordem do patrão, sem a voz dela... Sem pressão.

Houve trinta segundos de silêncio.

– Foi uma noite medonha mas bacana – riu João – Eu vou indo. Amanhã vamos pular cedo.

– Ah é. Desculpa qualquer coisa, guri.

– Capaz. Tá tudo em casa.

João saiu. Marcos ficou quieto, imóvel e de olhar fixo para a prateleira das bebidas. Pagou a conta e saiu.

Ganhando a rua, viu que a neblina havia descido. Foi um dia quente, tinha mais é que refrescar. A grosseira arquitetura das fábricas era tão comum para ele que nada ali haveria de ser apreciado.

Caminhou em direção à rodovia de acesso ao centro da cidade, acendeu o último cigarro e sentou-se no cordão da calçada. Queria fumá-lo bem descansado. Ouviu um crepitar de folhas vindo de uma pequena árvore no canteiro. Percebeu que não havia vento. Viu a enorme ave observando-o. De cabeça preta, pele enrugada, penas donas de um negro profundo.

Jamais havia percebido intenção de maldade em um animal. Além do negror das penas – que mais parecia um buraco negro para algum lugar desconhecido – os

olhos denunciavam fome. A ave bateu asas na direção de Marcos. Mesmo um pouco bêbado, o pavor mandou no corpo de Marcos. Correu da maneira que pôde. Atravessou a rodovia deserta em direção ao acostamento. A neblina intensificou-se. Acabou caindo em um pequeno barranco fora da estrada. Teve dificuldades ao levantar-se – a dor nas costas insuportável – e no chão ficou esperando pela ave negra. Ela pousou ao lado do rosto riscado de tanto trabalho e sofrimento. Um olho de Marcos foi arrancado num único golpe de um bico que mais parecia uma navalha. Chegavam outros urubus, o olho remanescente de Marcos teve como última visão dezenas de borrões negros vindo. Um cobertor de penas sobre o corpo. Morrer não era indolor, teve a prova nos três minutos que antecederam a morte.

De manhã, moradores das redondezas, operários e seguranças de fábrica afirmaram ver cerca de duas dezenas das aves em torno de algo no chão. Ninguém deu muita atenção ao fato. Mas a surpresa veio quando encontraram um esqueleto humano. Restaram pedaços de carne junto a alguns ossos – mas em avançado estado de putrefação.

Ninguém soube explicar como um cadáver pôde apodrecer a dois metros de uma rodovia movimentada no curto período, em terreno aberto e muito próximo da polícia rodoviária. E, se fosse recente, não saberiam explicar o rápido processo de putrefação do corpo.

Depois do insólito acontecimento, ninguém mais viu aquelas estranhas aves pelo céu cinza da região.

## A arte de deflorar

Ouve a música. Não há mais ninguém aqui conosco. Deixa essa tempestade passar. A cidade poderia desmoronar nesse exato momento. Não me preocupo. Nem sei o motivo pelo qual tu temes os trovões: não são as mais poderosas manifestações do teu Deus? Assim como toda a água que purifica essas terras. Teu Deus. Que te fez, que me fez. Mesmo assim acho esse teatro cósmico tão improvável. Tenho certeza absoluta de que ele não quer que tu vás pra casa. Fez esse cabelo que posso tocar, teu olho castanho que transparece esse teu euzinho, por mais que esconda de mim, por mais que me confunda em seu labirinto de palavras educadas. Eu sei quem tu és. Espero chegar muito além. Antes de um possível fim te peço para mudar de assunto, pois quero teu silêncio, é o que mais admiro. Deita. Não tenhas medo. Dói um pouco no começo. Depois não haverá mais medo, nem tempestade e muito menos solidão.

MAIKEL DE ABREU & CESAR MATEUS

## Pequenas falsidades

### PÂMELA

Me deparei com um fusca na garagem, subi as escadas para o andar superior, senti cheiro de maconha. Vi também tapeçarias indianas, incensos queimados em cima de móveis rústicos, na parede um pôster com uma enorme estrela branca num fundo vermelho, ao lado um quadro de Ganesha.

Havia uma televisão preto-e-branco dos anos setenta, lembrei que foi presente de minha mãe. Na cozinha havia carne de soja descongelando em uma bacia, uma caixa de sucrilhos com um bilhete ao lado: “na próxima jogarei fora esse lixo cheio de conservantes”. Eu conhecia aquela letra desde o final do segundo ano do terceiro grau. Ouvi barulho da água se espatifando contra o chão de azulejos do banheiro. Então minha memória foi se reconstruindo em ritmo desenfreado, causando-me uma leve vertigem.

Engravidei Pâmela no terceiro ano. Seus pais eram liberais, filhos do *Cio da Terra*, não houve resistência nem expulsão da filha do seio familiar, nada novelesco. Houve apenas um breve discurso do pai dela: “olha, a água agora vai bater na bunda de vocês, hein?”.

A gravidez não atrapalhou nossos planos, se é que tínhamos um. Pâmela se arrastava desde o início da gestação na faculdade de história e seus pais sempre pagavam as salgadas mensalidades. Já minha família não tinha muito o que me financiar. Meu pai largou o seguinte mote: “Te vira, piá, te fiz pro mundo”. O que pude fazer foi estudar para um concurso público, pois, depois que engravidei Pâmela, o tempo para mim passava como um foguete sem alvo, e eu tentava dominar essa velocidade e descontrolar pifiamente. Vieram então anos de um trabalho monótono mas seguro, com exceção das épocas eleitorais, quando os servidores públicos servem o fígado uns dos outros no café da manhã. Desde então, nutri profunda aversão ao partidarismo. Próximo de uma eleição para prefeito, chegava em casa todos os dias querendo assistir apenas a coisa mais estúpida e ridícula da televisão, nada de discussões, e em muitos desses dias havia reuniões com membros de partidos de esquerda, as quais Pâmela organizava. Quase sempre entrava calado, ia para cama e adormecia quando tudo acabava. Pâmela fumava tanta maconha que nem me provocava mais com seu corpo moreno.

Terríveis eram as jantãs com os amigos dela. Na maioria das vezes deixávamos o guri na casa dos meus sogros, ou nos vizinhos. As jantãs eram na maioria das vezes na casa de Maíra, em um sítio retirado na Terceira Léguas. Muita gente e violões demais repletos de boas vibrações.

Todos os assuntos se misturavam em um bolo só de vozes arrastadas e cheias de sotaque porto-alegrense. Depois de um tempo de chapação e bebedeira, alguns assuntos tornavam-se estupidamente corriqueiros – a esta altura os anti-imperialistas já tomavam suas coca-colas e fumavam seus Marlboros sem culpa alguma. Como aguentar tudo aquilo em silêncio? Claro, eu dava uns tapinhas. Mas na hora da fome, depois de eu ter alucinações com gordas e suculentas picanhas na churrasqueira desativada, vinha a imaculada sopa de legumes e o sagrado chá branco.

Mesmo assim, Red Bulls eram bebidos em esquinas ermas, só poderia comer um Big-Mac disfarçado e em constante tensão, e apenas me era permitido entrar em um posto Texaco em caso de risco de vida.

Temia que em breve nosso filho começasse a compreender aquelas bobagens e talvez passasse a acreditar nelas. Talvez esse fosse o meu trabalho mais árduo, livrar

meu filho de toda aquela lavagem cerebral. Enfrentávamos juntos as almôndegas de tofu e os sucos de açaí, contrabandeávamos chocolate e fazíamos as melhores imitações daqueles rostos barbados que usavam gírias da época em que Jimi Hendrix era hippie.

Perdido nessas reflexões, não a vi chegar, já vestida com o velho camisão de clássico estilo andino. Sentou-se para preparar um antes do jantar, apesar da minha desaprovação. Mas a rotina havia amassado nossas palavras e nos fez engoli-las sem água. Sim, pois só havia água para beber, não era sempre que eu tinha vontade de espremer laranjas. Esqueça os pós, esqueça os congelados, esqueça o plástico, nosso mundo era feito de algo parecido com bambu.

– Onde tá o guri?

– Tá na vizinha – Pâmela era um acúmulo desordenado de clichês. Por isso lhe seria impossível ser outra coisa senão artista. Não uma artista qualquer, mas sim uma daquelas excêntricas, com ataques de euforia quando ideias novas chegavam desordenadamente, e ela então saía tropeçando nos móveis, com o rosto cheio de tinta ou algo pior. Mas havia uma criança ali, cheia de perguntas e necessidades que atrapalhavam o gênio. Nossa vizinha acolhia aquele pequeno demônio burguês, pois ela mesma já tinha outros três.

– Como foi o dia, rendeu bastante?

– Nada, estou empacada em um problema.

– Filosófico, provavelmente – Pâmela fingiu não ouvir meu comentário, apenas deu uma grande tragada, enquanto, sob a luz do verão, permitia-se ser olhada com riqueza de detalhes. Era belo o perfil, sem dúvida, mas já começava a perder a força. Nenhuma maquiagem, nenhum adorno, apenas a mesma velha bandana. Voltou-se em minha direção com o eterno cansaço dos olhos, que já fora o seu charme na época em que era possível acreditar em esquerda e direita.

– E o teu dia como foi?

– A mesma coisa, aquele babaca continua pegando no meu pé.

– Não sei como tu consegue continuar se vendendo.

– É preciso.

– Eu não concordo.

Essa foi a minha vez de ficar em silêncio, meu método mais eficaz. Toneladas de palavras quase ditas, diálogos cheios de avaliações psicológicas e citações dos clássicos, argumentos tão bem estruturados, cheios de nuances que só ocorriam em nossas mentes doentias. Nossas línguas já estavam inchadas de tantas palavras, desde sussurros entediados até gritos ouvidos por toda zona leste. Não agora, quando tudo se resumia a poucas frases de vários sentidos e os olhares exprimiam muito mais. Nos sentíamos cansados, apesar da idade, ridículos e derrotados, tudo por causa de algumas convicções.

Quando bateram, imaginei que seria a vizinha carregando nos ombros o guri de volta para seus pais desnaturados, mas quem adentrou foi uma massa pesada de barba escura e bolsa transversal. De diferentes formas e tamanhos, eles nos visitavam com grande frequência. Antes eu pudesse ter um playstation ou pudesse assistir *Californication* – me restava um documentário sobre qualquer coisa folclórica nordestina, que reprisava pela terceira vez na semana. Um “precisamos fortalecer as instâncias do partido” me fez babar e roncar.

“E seu eu fugisse daqui? Não há nada que me prenda a essa cidade sem graça.” Minha mente vagava, mas já não estava mais dormindo. Queria que os dois estivessem se entrelaçando em cima da mesa da cozinha, ou conversando sobre uma fuga romântica até o Planalto Central. Mas infelizmente o assunto era aquecimento global, comida macrobiótica e Che Guevara. Meu ceticismo só não era maior que minha covardia:

alguns passos, algumas palavras fortes, e eu estaria longe daquele circo e do pão de centeio.

Às portas de um novo soninho o guri chegou querendo contar tudo, mas os adultos estavam conversando e ele também sabia se manter em silêncio. Como o futebol apesar de todos os escândalos ainda era permitido, fomos os dois para a rua. O verão, ele ainda tem algumas qualidades.

- Por que eu não posso assistir a outros desenhos?
- Sua mãe não deixa, ela diz que faz mal para a sua saúde.
- Mas os que ela deixa são muito chatos.
- São educativos. Eles lhe ensinam coisas importantes.
- Então eu vou pra aula pra quê?
- Pra aprender também e pra conviver com os coleguinhas.
- Mas eu não gosto deles.
- Por quê?
- Eles dizem que eu sou esquisito.
- Você não é esquisito.
- Então por que eu tenho que usar essas roupas.
- Por que elas são confortáveis. E por que sua mãe quer.
- A gente é pobre.
- Não mais do que as outras pessoas.
- Eu acho que a gente é muito pobre.

Eu já lhe havia pedido paciência, que ia tentar convencer a mãe dele a comprar roupas mais comuns, menos artesanais. Não que eu fosse um escravo das marcas, mas entendia o que ele queria dizer, ele só queria parecer normal.

Deitado, esperando o sono vir, enquanto Pâmela tomava o primeiro dos seus últimos drinks na sala, tentava imaginar uma saída, queria salvar meu filho, mas não tinha certeza se ele estava condenado. E se Pâmela tivesse razão, se tudo isso que estávamos fazendo transformasse o menino em um ser humano perfeito? Ela acreditava na perfeição, eu já a havia abandonado anos atrás, estava embaixo de uma pilha de contas para pagar. Mas mesmo convencido de que meu filho não iria salvar o planeta eu não conseguia me decidir. Lutar ou partir? Apenas dormir.

\*\*

## MARINA

Não era lascívia, era pura provocação. A mão descia lentamente por entre as coxas dela, até receber um tapa e uma reprimenda “para com isso, tem muita gente aqui!” Ela era pudica como uma flor em um jardim de viúva, e uma das minhas maiores diversões era provocá-la em público, desafiá-la em sua heroica pureza. O domingo era qualquer, sem atrativos, sem personalidade, e por essa razão o parque acolhia todos os tipos de gente. E nessa fauna de desocupados nós nos encontrávamos sentados entre uma carteira de cigarros e uma lata de coca-cola que alguém sem consciência ecológica havia largado por ali. Acompanhávamos os casais, os cachorros e as crianças sem controle. Havia punks também, mas ainda estavam escondidos. Assim como minha mão estava oculta debaixo da sua blusa. Nenhuma reação por parte dela, que tinha a atenção voltada para um casal de corredores em suas vestimentas características. A carne era quente apesar de parecer morta e, quando as pontas dos meus dedos circundaram seu umbigo, sua única reação foi um resmungo que demonstrava todo o seu tédio e que as minhas tentativas de reanimar aquele cadáver eram vãs. “Como eu invejo a força de

vontade dessas pessoas.” Ela sofria da falta de iniciativa da nossa geração, suas águas pardacentas se revoltavam contra as paredes, dando uma falsa sensação de movimento, mas a verdade é que aquelas águas nunca transbordavam, nunca ultrapassavam o limite, estavam presas àquela repetição sem fim. Mas eu sou conhecido pelo meu otimismo, mesmo sendo um fatalista, e por isso minha mão apertava seu pescoço e acariciava sua nuca, tentava atingir sua mente com os dedos que há pouco fracassaram. Talvez estivesse ali a resposta, a ação vencendo o logos pelo cansaço.

Marina me olhou esperando uma resposta para uma pergunta que não fizera, e tudo o que eu pude fazer foi sorrir. Seus olhos pareciam ainda mais cansados do que o normal e talvez fosse isso o que ela queria dizer. Só depois de alguns minutos estudando o meu rosto é que ela falou: “Vamos?”. As pernas ainda dormentes, movimentos de zumbis, nos adequávamos àquela estranha multidão. De mãos dadas atravessamos o parque e subimos o morro até o centro. “Não gosto de ficar aqui de noite, fica muito perigoso.” Ela observava os galhos que tentavam tocar o chão, num arco tenebroso e lúgubre. Eu, por minha vez, tentava imaginar como seria viver naqueles prédios, abrir a janela do quarto e ter o parque inteiro à disposição, bem diferente da minha vista que nada mais era do que outra janela eternamente fechada. Nunca entrara em nenhum deles, mesmo porque eles não aceitariam a minha presença, mas era fácil imaginar.

De respiração ofegante chegamos à praça central, mas antes disso Marina cumpriu suas obrigações com a família, a pátria e a igreja fazendo o sinal da cruz. Eu pensava em um cachorro-quente de duvidosa qualidade, ou em aproveitar os últimos minutos de luz no meio daquela confusão de pessoas que por sua vez aproveitavam o passe livre. Mas passamos a catraca e por prudência ficamos no fundo do ônibus, ela na sua natural indiferença, eu na minha inquietação de chegar.

E no bairro de mitos tão bem enraizados desembarcamos apesar de todas as dificuldades. Noite chegando, eu tentava vencer as minhas mãos descontroladas. Tentava parar, enquanto ela se tornava uma segunda lua, de reflexo roubado e beleza distante. Longe de ser uma maré, eu era dominado por seus caprichos.

Sem uivar, sem mostrar os dentes, eu entrava na sua casa bem treinado, de rabo entre as pernas ou balançando, de acordo com o humor do resto da família. Lá onde eu me sentia mais desconfortável, vigiado pelos simpáticos rostos de pai, mãe e irmãs, é que ela mostrava alguma forma de atenção, quase vulgar em comparação ao resto do dia. Aceitei um suco, aceitei os programas de domingo na televisão, aceitei uma piada irônica da irmã mais nova (pois simpatizava com seu humor em formação), aceitei seus comentários sobre o tempo e futebol e não prestei atenção em uma breve discussão entre Marina e mãe, pois temia escolher o lado errado. Tudo isso para que finalmente fôssemos para o quarto para alguns minutos a sós.

Eram raros esses momentos. Com poucos movimentos fechei a porta e a enlacei pela cintura, procurando a boca que ela recusou. Puxei seu corpo com mais força, tateei várias partes dele, com a mão na sua nuca fiz com que a boca ficasse na posição que eu queria. Mas alguém havia desligado a chave da luz. Deixei-a no meio do quarto e me sentei, enquanto ela arrumava o cabelo que minhas mãos desastradas haviam bagunçado.

- Se tu me dissesse o que há de errado, talvez eu pudesse te ajudar.
- Não há nada de errado comigo.
- Comigo então.
- Também não acho que haja algo de errado contigo.
- Conosco talvez.
- Tu acha? Eu não vejo problema.
- Eu vejo alguns, mas eles estão embaçados.

– Não seja tão poético, eu não gosto disso.  
– E do que tu gosta?  
– Silêncio.  
– E o que mais?  
– Casamentos.  
– Quer se casar comigo?  
– Não seja idiota, pensei que essa era uma conversa séria.  
– Mas é sério. Existe alguma coisa que tu gosta em mim?  
– Gosto do conjunto, não de uma parte especial.  
– Eu acho que tem uma parte em especial que tu gosta mais – pela primeira vez ela se virou, como se acordasse. Mas apenas mostrou desdém pela minha graça e voltou-se para o espelho.  
– Tu me acha bonita?  
– Sim.  
– E o que mais?  
– Inteligente, responsável e divertida quando quer.  
– Só isso.  
– Não, mas o resto seria poético demais – sentia a necessidade de um cigarro, mas sabia que não seria possível, mesmo depois de tanta rejeição. Ela deitou-se em outra cama e ligou a televisão.  
– Desligue essa TV, estamos tentando conversar.  
– OK, fale então.  
– Por que nos tornamos isso?  
– Isso o quê?  
– Esse casal óbvio.  
– Não entendo o que quer dizer.  
– Entende sim. Me afasta o tempo todo, mas me agarra na frente dos seus pais. Por que não fomos pra minha casa, onde poderíamos ficar mais à vontade?  
– Já te disse que estou cansada.  
– Sim, mas qual o verdadeiro motivo?  
– Não existe outro motivo. Além de poeta é psicólogo também?  
– Existe sim. Antes me atacava até no banco traseiro de carros em movimento e agora isso.  
– Eu não queria fazer aquilo, tu queria.  
– Mas eu não pedi nada, foi tu quem começou.  
– Eu sei, mas a necessidade era tua, eu sabia o que tu queria.  
– E por que agora não?  
– Agora estou cansada.  
– O ano todo tu quer dizer?  
– Não exagere.  
– Não estou exagerando. Vamos, apenas me diga por quê, por quê? – Ela apenas suspirou. Com a televisão desligada, ela agora olhava para o teto. Passaram-se minutos até ela falar.  
– Eu nunca quis nada disso. Tudo isso foi culpa tua, eu apenas tentei seguir o que teus instintos pediam, o problema é que eles pediam sempre mais e mais, e então eu parei. Pensei que tu iria notar e ficar louco, mas não, tudo continuou igual e eu pude ter um namorado sem me sentir violada.  
– Mas eu nunca te forcei a nada!  
– E nem conseguiria. Mas eu sei o meu papel, sei a que tenho que me submeter. O feminismo falhou junto com o comunismo e os hippies. Mas não tenta compreender,

tu não conseguiria. É algo mais interno, mais profundo, mesmo pra alguém tão poético. Não há nada que tu possa fazer, é a natureza das coisas.

– Pois eu não concordo, eu sou livre. Posso sair dessa casa e nunca mais te olhar na cara.

– Faça isso então, ninguém está te impedindo.

– Eu te odeio!

– O sentimento é mútuo. Agora, se não vai sair, apague a luz, já não me sinto tão cansada – realmente a liberdade não é uma questão de grades.

Com seu corpo frio em cima do meu, foi a minha vez de se sentir violado, junto com a certeza de que estava preso para sempre.

\*\*

## ANA LÚCIA

Ecoss na portaria revelavam passos rápidos e inseguros. Por sorte o elevador estava ali parado, esperando-o, e assim evitava o olhar desconfiado do porteiro. O enorme espelho no elevador também o amedrontava, revelava-lhe feiura e desleixo, revelava que aquele não era o seu ambiente, claro demais, limpo demais, luxuoso demais. Até os números dos andares traziam desconforto. Quando as portas se abriram, ele logo imaginou dois capangas lhe agarrando os braços e o levando embora. Estava sempre esperando o momento em que seria descoberto.

Mas passou pelos corredores tranquilamente, como já fizera diversas vezes, sempre com a mesma falta de desenvoltura e também com certo deslumbramento. A porta estava aberta, como de hábito, afinal não existiam problemas comuns acima do décimo andar.

Ao atravessar o hall às pressas, gostaria de não ter dado de cara com a mãe de Ana Lúcia na entrada.

– Oi, meu rapaz. Pensei que não chegaria nunca.

– Pois é, o táxi demorou pra vir.

– Mas por que não disse pra Ana Lúcia, que ela iria te buscar?

– Não, sem problema, ela estava envolvida na recepção dos convidados.

– Te senta ali. O Abramo foi buscar um vinho mais suave, o Máximo não pode com vinho seco.

Antes de sentar, cumprimentou Máximo, um senhor de meia-idade vestido como se estivesse em um iate em Parati – Camisa polo com listras azuis horizontais, olhos azuis, uma pele incrivelmente conservada pelos mais caros produtos antirrugas da Avon e um nariz esquisito vítima de algum cirurgião plástico. Era amigo de Abramo, pai de Ana Lúcia.

Abramo chegou em seguida com uma garrafa de Santa Helena Reservado. Antes de servir, empunhou a garrafa para o alto e observou contra a luz.

– Dizem que esse vinho é o melhor vinho leve disponível, mas convenhamos. Não se pode confiar em nada vendido nos mercados. Tem resíduos, olha!

– Serve, Abramo. Não posso com nada muito forte, guarde essa exigência pra Multiexpo. Guarde esse critério todo para os nossos negócios – sorriu simpaticamente.

– Critérios. Preciso rever alguns em diversos setores da vida – olhou para Breno – Tudo certo, meu jovem?

– Sim, seu Abramo, e o senhor?

– Muito *trabalho*!

– Máximo, esse é o namorado de Ana Lúcia.

– Nos cumprimentamos já – disse Máximo, que cutucou Breno e perguntou-lhe em tom de brincadeira: – Não tem medo desse velho aí?

Breno riu nervoso e timidamente respondeu:

– Não, não... Nada a temer, não devo nada.

Tudo o que Breno dizia parecia ser bobagem em sua própria concepção perante o patriarca da família. Qualquer olhar de Abramo sobre ele era pressão suficiente para achatá-lo moralmente como uma mosca.

– Estudante de quê? – perguntou-lhe Máximo.

– Eu trabalho em um estúdio musical, não tô estudando ainda. Só trabalho.

– É músico ou técnico de áudio?

– Músico.

– Mas que bacana. Uma médica e um músico – Breno olhou para Abramo rapidamente, e viu o rosto de desdém do italiano. Poderia ser coisa da cabeça de Breno, uma mania de perseguição classista, preferia ter esse pensamento alternativo. Ana Lúcia apareceu do nada.

– Já vi que começaram o interrogatório – disse ela exibindo mais uma vez os dentes fortes.

– Vem, Breno. Vamos lá fora, antes que esse pessoal te deixe louco.

Ele não conseguiu esconder a sensação de alívio que aquele convite lhe proporcionara. Agarrou aquela mão cheia de anéis com força, como se estivesse sendo resgatado de um buraco. A liberdade tinha a forma de uma cobertura entulhada de banquetas e folhagens, onde um grupo de pessoas conversava e segurava copos com habilidade necessária. Breno conhecia alguns daqueles rostos com os quais havia trocado uma ou duas palavras, rostos que se identificavam mutuamente pelas camisas polo e pelos bronzeados fabricados. Seus nomes não eram mais do que monossílabos seguidos por várias consoantes duplicadas. Filhos orgulhosos e saudáveis daquela boa terra, apesar de todo o pó que cobria os móveis.

Em um exercício fácil de educação, Breno cumprimentou os amigos de Ana cordialmente. Nos primeiros minutos do bate-papo, tentava, em um outro exercício de atuação muito mais difícil, manter a atenção e o interesse no que conversavam.

As vozes dessa noite eram claras, incisivas, maldosas, vazias. Logo, dispersou-se com a vista da cobertura. “O IPVA é caro, hein.” As mais variadas espécies de árvores escoltavam a ciclovía do Parque. “Tração nas quatro, dei meu apartamento de mano.” Som das vozes de crianças retardatárias brincando lá embaixo, os ecos dos chutes das bolas, as pequenas vibrações dos gritos de gol, confundíveis com o barulho de freios e buzinas. “Ahaha, quem quer ser médico de postinho, por favor, né?” Os sons eram abstratos, as vozes estavam lá, mas ele não sabia o que diziam. “O Paulo é um exemplo de pessoa que não evolui.”

A noite era gelada, avistava a maioria dos prédios da metade pra cima. O parque foi engolido pela espessa neblina. Não havia chão. “Não aguento o fedor daquela gente do SUS.” A névoa movimentava-se de uma forma estranha como se estivesse abraçando cada poste, árvore, placa, parquímetro com tentáculos pálidos.

Breno perdeu-se observando os movimentos, queria ser engolido pela neblina, estar no meio de uma nuvem, apenas caminhando com os fones do mp3 nos ouvidos, escutando o melhor de sua coleção particular. Deu meia-volta, abandonou a paisagem, crocitou algo como “vou no banheiro, já volto”, ninguém ouviu, ninguém o viu sair. Ana Lúcia daria falta dele em dez minutos quando todos se perguntavam onde era o melhor bauru da cidade.

Breno apenas lavou a cara, olhou o espelho e disse “coragem”, mas a palavra que ele deveria ter dito era “paciência”. Ao sair, Ana Lúcia apareceu com o olhar-assustado-alarme-falso-estou-te-chateando?

– Tudo bem? – sorriu desconfiada.

– Tudo. Só um pouco de dor de cabeça – Breno lembrou de um violão velho que comprara em uma excursão para Porto Alegre na quinta série. Ana Lúcia foi quem o descobriu na loja de usados em algum lugar da Riachuelo. Ana e Breno começaram a namorar no segundo ano do segundo grau quando Breno deu o fora numa menina chata do grêmio estudantil chamada Pâmela. Não soube por que teve a lembrança inoportuna.

– E então, vamos voltar?

– Olha Ana. Não tô a fim.

– Quer conversar?

– Não é o momento. Volta pra lá, são seus amigos.

– Eu sei quem eles são, fui eu quem os convidou. Mas eu não vou conseguir dar atenção a eles enquanto tu estiver com essa cara.

– É a que tenho, já deveria estar acostumada.

– Não me acostumei e não pretendo.

– Acho melhor eu ir embora então.

– Acho que não. Vem, vamos sair desse banheiro, aqui não é lugar apropriado de discussão.

Breno a seguiu lento, não estava com nenhuma vontade de argumentar qualquer coisa, mas sabia que agora ela estava ardendo de esperança por um embate, era o que a movia. Sempre se gabara por ter uma personalidade lutadora, sempre querendo entrar em ação, chamar a atenção. Breno nunca entendera essa necessidade de confronto, já tinha perdido a paciência, considerava tudo um circo armado para a leoa devorar o palhaço.

O quarto era demasiado claro para o seu humor no momento. Grande demais, talvez. Mas a rotina de brigas e reconciliações, apenas pretextos para uma aproximação dos seus corpos então tão distantes, fazia com que cada um já soubesse o seu lugar na batalha. Sentado desconfortável na cama, ele a via se agitar na poltrona preferida, um pouco mais acima da qual havia uma foto dela com os cabelos ao vento. A foto, a poltrona e ela davam a impressão de um rei absolutista em seu trono. Ou um mafioso egocêntrico qualquer.

– OK, qual é a razão dessa falta de maturidade? – Ela tinha as pernas cruzadas e falava devagar, tentando mostrar uma calma que não lhe era habitual.

– Nenhuma. Nem acho que foi falta de maturidade.

– Não? E o que foi então aquela pose de eterno sofredor? Mais uma cena para que os outros sintam pena.

– Não preciso disso.

– Pois parece. Parece que tu não consegue te divertir se não for o centro das atenções, quando não consegue plateia para as tuas lamúrias. Já estou cansada de tentar te mostrar que existe um mundo melhor.

– Cheio de caviar e espumante.

Ana Lúcia suspirou em sinal de reprovação àquele pequeno exemplo de sarcasmo inofensivo. Breno não queria entender a gravidade da situação, não acreditava naquelas frases que tentavam resolver o mundo. Queria fugir das soluções dos livros de autoajuda e das frases feitas. Queria que aquilo tudo fosse mais natural.

– Afinal o que tu quer fazer?

– Eu só queria ir embora.

– Mas isso não vai resolver nada.

– E quem disse que eu quero resolver alguma coisa? Eu não tenho essa pretensão. As universidades existem pra isso.

Ana Lúcia já não tinha as pernas cruzadas, não tinha mais a voz pausada e nem a consciência das suas mãos. Tamborilava os braços da poltrona enquanto os olhos pareciam querer sugar Breno por osmose.

– Bom, se tu não quer falar sério eu vou falar.

– Fique à vontade.

– Que tal começarmos com essa mania de fugir? Os problemas existem e algum dia tu vai ter que enfrentá-los.

– Eu não te consideraria um problema.

– Mas eu não estou falando de mim, não estou falando desse momento, estou falando da noite inteira. Convidei um bocado de gente interessante para vir aqui hoje e tudo o que tu conseguiu fazer foi sentir pena de ti mesmo.

– Essa é a tua opinião.

– Não, não é! Essa é a verdade! Quando nessa tua cabeça tão cheia de pensamentos importantes passou a ideia de que hoje seria importante para mim?

– Foi por isso que eu vim.

– Obrigada pela consideração!

Breno sabia que o momento estava chegando, com a tensão saindo de baixo da cama e se pondo entre eles. Era nessas horas que ele dizia alguma mentira com alta concentração de glicose e os dois poderiam enfim resolver os problemas de uma forma mais física, mais violenta. Mas não hoje, quando ele sentia ter as armas certas para lutar. Ana Lúcia percebeu o estranho sorriso de Breno.

– Qual é a piada agora?

– Nenhuma, estou apenas me divertindo.

– Eu te divirto? Que bom, sempre notei que tu gostava de rir da minha cara, mas só agora tive certeza.

– Não estou rindo de ti, estou rindo dessa situação, não te parece bizarra?

– Não, me parece deprimente.

– Eu não seria tão dramático.

– Bom, essa deve ser a minha vez.

– Não se apresse.

– Não estou gostando nada desse sorriso. Me explique!

– Claro que não, e não vou ser eu quem vai desobedecer a grande rainha. Mas vou tentar te explicar. A razão do meu sorriso é que eu tive uma espécie de... revelação. Sim, revelação. De uma hora para outra tudo passou a fazer sentido. É uma explicação demorada, tem tempo? Ótimo. Pra tentar entender o meu sorriso é necessário voltar alguns anos, lembrar como nos conhecemos, quem éramos e como nos tornamos o que somos hoje. Você sabe por que quis ficar comigo no início? Pois eu tenho uma tese. Eu era o mal, a sujeira, o estranho, o dúvida, o perigo. Eu era tudo o que sua família mais detestava, motivo a mais para suas inúmeras brigas. Afinal qual era a razão para uma moça de família querer alguém como eu, que só pensava em tocar guitarra e sonhava em ter uma banda de rock? Óbvio que eu não entendi nada na hora, meu raciocínio é lento, tu sabe, e também não havia razão pra perguntas sem respostas, eu estava com uma menina bonita e rica, isso era tudo. E com o passar dos anos nós fomos nos esquecendo disso, que éramos um casal adolescente com data de validade e agora, mofados, somos dois adultos frustrados. Você me pergunta o que há de errado nesta noite? E a resposta é simples... tudo. Tudo está errado. Não gosto de nenhuma daquelas pessoas que estão lá, não suporto suas caras e suas vozes, e as suas visões de vida e de mundo me dão ânsia de vômito. E por que suporto então? Por tua causa, ora. Até agora não tinha percebido

como as paredes foram ficando cada vez mais próximas e que não havia mais ar para respirar. Você me sufocou, me disse o que fazer, o que vestir, o que falar todo esse tempo, mas acredite, acabou! Essas paredes já não existem mais, eu respiro, estou livre – Breno, que desde o começo de sua palestra caminhava por todo o quarto, abriu várias portas com urgência, e na sua excitação desceu os dez andares pela escada.

Finalmente pôde se juntar à neblina, que agora ganhava outro significado, antes era apenas uma imagem do inverno que tanto detestava, representava o frio e a umidade que se grudavam nele nas caminhadas noite adentro. Agora era a libertação. Se sentia mais puro, mais feliz, mais perto do seu próprio núcleo. Poderia ser Breno outra vez.

\*\*

## BRENO

*And if you feel just like a tourist in the city you were born then, it's time to go. And you find your destination with so many different places to call home (Ben Gibbard)*

Breno pegou o telefone pela segunda vez na noite às nove horas. Dessa vez ligou para o pai. Conversaram pouco. Desde a adolescência de Breno as conversas eram secas e essenciais. Deu a notícia da partida e houve um breve silêncio. Depois do vácuo, Nelson apenas disse: “te cuida, piá”. Breno há tempos não sentia mais necessidade de tentar impressionar o pai. Nelson, do outro lado, desligou o telefone e dormiu o sono mais tranquilo dos seus cinquenta e sete anos.

Eram oito horas da noite quando Breno recebeu uma ligação telefônica de Marcos, um diretor de cinema. Depois de dois dias de uma comemoração solitária, o telefonema foi o ápice do êxtase, fruto de anos de esforço involuntário que nunca imaginou que daria em alguma coisa. Nunca derramara uma lágrima em nome das boas emoções, mas chegou perto. Marcos tinha interesse em sua obra já havia um ano, mas não sabia como adaptar o conto principal do seu livro até então. Breno estava eufórico demais para fazer ou pensar qualquer outra coisa naquela noite. Andava de um lado para o outro, lembrando todas as noites que atravessou insone para concluir um livro que escreveu quase despreziosamente, com o único objetivo de esvaziar a cabeça, ocluir um buraco na alma. Resolveu sair caminhando pela cidade, exercício que fazia quando estava ansioso demais.

Na avenida principal do bairro em que nasceu, teve imagens mentais das peregrinações nas noites adolescentes de sexta-feira, as pegadas invisíveis dele e de muitos amigos que por ali passaram. Rostos cheios de acne e vozes roucas, com garrafas plásticas pet cheias de coca-cola e vodca de R\$2,50. Vozes que tentavam simular riffs de rock gritavam pela expectativa ilusória de toda sexta-feira alcançar umas horas de liberdade após horas de escola técnica e daquela metalúrgica poeirenta. A época em que todos eram gênios em potencial, as conversas que poderiam desvendar o universo ou a natureza humana. Na avenida lembrou do primeiro porre que tomou por Ana Lúcia quando ela havia sumido depois do segundo ano. Os amigos o carregavam e cantavam “The long and winding road” em tom de chacota, mas Breno, que sempre riu de si mesmo, libertou-se da primeira perda de um grande amor em uma única bebedeira. O mundo vinha dando sinais de que os românticos não sobreviveriam no século XXI, e Breno já sentia isso. Havia sufocado aquilo que sentia por Ana Lúcia de tal forma que o resto de sua vida toda era fadado a uma frieza sutil que o distanciaria de qualquer arremedo de um envolvimento mais profundo. Cansou cedo da jogatina da conquista.

Passando pelo bairro de Lourdes, que misturava prédios antigos com residenciais seminovos, viu aqueles dois bares. Um onde jogou sinuca em noites aparentemente sem

fim, com pouca habilidade e vontade junto de Pâmela. O bar ao lado, havia frequentado nos momentos mais drogados dos dois, época onde o relacionamento ameaçava ruir. Porres de vinho, manchas roxas de vômito na calçada, cheiro de maconha, jogos de futebol na TV nas quartas à noite, um coreto tosco que formou alguns que hoje ocupam cadeiras na câmara dos vereadores. Eles estavam lá, confabulando, discutindo, bravateando e esperando ansiosamente por Corisco. Esse sempre tinha “escama de peixe” a um preço acessível. Depois da vinda de Corisco com a fina cocaína, o bar virava um território de insuportável tagarelice. Mas, apesar de tudo, justiça social era sempre o assunto em pauta. Sempre imaginou uma turbina de avião caindo de algum lugar do céu e explodindo toda a patifaria enquanto ouvia Pâmela discursar pelo igual direito de alguma minoria.

A Os Dezoito do Forte não apresentava nenhuma agressão visual e mnemônica em sua extensão. Passava tantas vezes por ali de ônibus, quase dormindo todo dia, indo para um trabalho que detestava. As mudanças, que para ele pareciam pequenas, eram na verdade gigantes. A cada quadra um prédio em construção, muitas vezes ao lado de casas de madeira que lembravam a colônia onde visitava seus avós. A viagem nessa rua era longa, porém cheia de desinteresse.

Sentou-se um pouco nas escadarias da reformada catedral diocesana, já no centro da cidade e já onze da noite, a praça com suas palmeiras descontextualizadas pela neblina. Um sujeito com um blusão de lã mal tricotado, de bermudas e um chinelo Raider do século passado sentou-se ao seu lado. Breno pode notar as maçãs do rosto protuberantes devido a um corpo que emagreceu rápido demais.

– E aí, sangue, me apoia em cinco pilas?

– Não tenho, meu. – olhou mais atentamente para o sujeito, assustou-se – Maurício?

– Queria ver se tu me reconhecia.

Breno gostaria de falar frases prontas, como norma de qualquer educação, ou qualquer coisa que fizesse Maurício não se sentir mais mórbido do que já estava.

– Nossa, cara! Tempos, hein?

– Nem me fala. Tá indo pra festa?

– Não, só uma volta por aí. Quem sabe depois. E tu? Perdido?

– Faz tempo – olhou pra frente como se visse um horizonte invisível – Tô numa vida louca, cara. Só vivo da mão pra boca.

– Que merda, cara.

– Bom te ver. Vou atrás de umas paradas aí.

– Bom te ver também, Maurício.

Maurício saiu tranquilamente, dono de todo o pouco tempo do mundo. Foi engolfado pela neblina dentro do calçadão.

Breno continuou o passeio pela avenida, uns poucos prédios velhos que a cidade esqueceu de destruir para construir em cima estacionamentos, farmácias ou lojas de R\$1,99.

Caminhava no início da quadra do Hospital Pompéia, viu uma camionete Nissan Titan Frontier mal estacionada e atrapalhando discretamente o pouco tráfego da pista direita da avenida. Postura de dono da rua. A uns cinco metros viu Ana Lúcia, saindo às pressas da porta do carona. Chegando mais perto, notou que ela tinha profundas olheiras. Houve um contato visual breve e intenso, mas nenhum dos dois cumprimentou o outro. Ela subiu às pressas a rampa do Pronto Socorro, olhou duas vezes para trás, mas Breno não, e isso mudaria tudo. Abramo nem observou se a filha entrara em segurança no hospital, apenas arrancou a camionete, pois teria algum compromisso semanal a cumprir.

Dobrou na Marechal Floriano em direção ao largo da estação férrea. Queria ver gente depois de tanto tempo isolado trabalhando para o incerto. Passou por duas travestis que lhe pediram fogo. Breno cedeu gentilmente, e ouviu o primeiro “veado” da noite de um carro que passava por ali, abarrotado de jovens bêbados. Breno dobrou em direção ao barulho dos bares em uma ruela. Subia o morro numa escuridão severa, e como mágica, quando o pequeno morro aplainava, via os bares até o final da rua, luzes de faróis perdidas nas paredes, mil e uma formas femininas atraentes que ele poderia adjetivar apetitosamente de A a Z. Vendo as loiras, lembrou de sua preferência principal. Vendo as morenas, logo mudou de ideia, e em seguida concluiu que não havia sequer uma predominância, e que seu celibato prolongado e quase monástico reclamava em algum lugar do corpo, como um estômago que não abriga comida por horas.

Em frente ao primeiro bar havia uma fila de pouco mais de quarenta pessoas. Mulheres em abundância, a maioria dos rapazes de camisas polo, de variadas cores. Era a casa mais badalada da cidade. Ouviu seu nome no meio daquela corrente humana deformada pelo leve astigmatismo. Demorou um tempo para desvendar a dona da voz. Pâmela, de vestido azul até o joelho, com uma jaqueta preta que ia até o umbigo, ineficaz contra o vento que vinha do final da rua.

– Desatento como sempre.

– Opa! – Breno disse, surpreso – Nunca imaginei tu na fila de um lugar desses.

– Nada de mais, algumas pessoas do partido do Márcio vêm aqui hoje comemorar um aniversário.

– Márcio?

– Ah, desculpe, meu marido.

– Olha só! Casada agora? Parabéns.

– Ele me deixou congelando na fila pra pegar a carteira no carro. Não existe homem perfeito mesmo.

– Ah, sim... Pâmela, a fêmea – riu Breno – Eu vim precavido contra esse vento, quase trinta anos aqui nessa cidade, já deveria ter aprendido como se proteger dele.

Houve um silêncio e uma contemplação curiosa do rosto maquiado de Pâmela. O vestido aparentemente novo, uma bolsa com botões dourados com um D e um G em lantejoulas, sapatos de salto aparentemente caríssimos. Logo se aproximou um homem alto, loiro, com cheiro de creme para mãos, que abraçou Pâmela pela cintura, olhou para Breno e estendeu-lhe a mão. “Márcio Brandalise, vereador”.

– Esse é Breno, um velho colega e amigo de infância – apresentou-lhe Pâmela.

– Opa, grande presença. Tudo bem? O prazer é todo meu – disse o loiro, com o dom da influência e simpatia duvidosa, ossos do ofício. Com aquela linguagem corporal quase cênica e a voz grave e firme, poderia convencer qualquer incauto de que ele seria seu melhor amigo em menos de três segundos.

– Vocês são muito parecidos, um bonito casal – Breno havia aprendido com o tempo a ser um sujeito de palavras agradáveis em situações de desembarço e urgência.

– Nossa, gostei desse cara! – o loiro exibiu um sorriso exagerado, dava pra ouvir os dentes dele batendo. Começou a fungar freneticamente. Pâmela olhou-o contrariada.

– Por que não entramos todos nós na festa? – colocou a mão no ombro de Breno tentando já empurrar ele para o meio da fila.

– Não, muito obrigado, estou apenas arejando a cabeça.

– Márcio, aqui não é a câmara. Vamos nessa porra de aniversário e depois vamos pra casa. Breno é do rock and roll.

– Ah, esqueci da tua formação política do contra, que coloca palavras na boca dos outros – disse ironicamente – Nosso amigo parece interessado em passar uma noite

com a velha amiga. Não é, cara? – olhou para Breno sorrindo e mexendo o queixo de uma maneira bizarra.

– Eu até gostaria, mas hoje não estou com espírito de festa – esquivou-se Breno novamente.

– Bah, esqueci a carteira! – Márcio exclamou batendo as mãos sobre os dois bolsos da calça.

– Mas tu não foi buscar essa carteira ainda? Tava fazendo o quê no carro? – Pâmela quase furiosa.

– Esqueci, esqueci, já volto – deu mais dois tapinhas nas costas de Breno – Esteja aqui quando eu voltar, galo cinza.

Sorriu novamente, da cor do marfim. No meio do barulho todo das vozes e batidões, fez-se o silêncio entre Breno e Pâmela.

– Parece bem, Breno – disse ela. Olhou para o chão, para a rua, para as pessoas em volta, só então voltando a olhar nos olhos de Breno com certa melancolia.

– Esqueci de te dar parabéns pelo prêmio.

– Obrigado. Foi o mínimo que eu deveria ter feito por mim. Fico contente em ver que tu está bem.

– É, financeiramente sim. Devo muito ao Márcio, esse cargo de confiança que consegui na prefeitura. Mas nunca é o suficiente, né? Tem horas que quero que o meu cargo e ele se danem juntos, mas as horas de paz valem mais que tudo isso.

– É. Acredito.

– Tu deve estar rindo de mim aí por dentro.

– Não, deveria?

– Anos e anos devota fanática do partido comunista, de discursos vazios anti-imperialistas, embates classistas... e eu aqui no lugar mais “high society”. Mas é a vida. Nos obrigamos a mudar. Talvez eu esteja agindo como uma prostituta.

– Não sabia que agora tua estima anda abalada. Pã. Não faz o teu tipo.

– Desde o início. Na época dos cigarrinhos escondidos no canto do pátio da escola, eu tinha um problema, essa coisa que ainda não sei o que é. Essa ferida que não sei quem causou, que me faz sempre insatisfeita, me faz fugir, lutar por coisas invisíveis, querer ter uma suma importância na sociedade, pois sempre houve algo muito errado comigo. E hoje que não sei mais pelo que lutar, que vejo que os militares foram embora antes de eu nascer, que a pobreza é um câncer incurável do qual nunca padeci, que as baleias e os bois continuarão sendo mortos em nome de nosso bem estar que negamos perante o politicamente correto. Estou estupidamente confortável, e tenho medo de gostar disso.

– Não reclama, guria. Não reclama. Um assunto desses não pode ser conversado em uma fila de festa.

– Tem razão – riu – Tô vendo que tu tá com pressa.

– É, eu preciso ir mesmo.

– Foi bom te ver, viu?

– Digo o mesmo.

Virou-se, e uns cinquenta metros adiante viu Márcio dentro de um Peugeot popular fungando sobre uma carteira de couro. Ele não viu, Breno escapou com sucesso.

Atraído por notas pentatônicas dispersas pelo ar, pôde ver de fora de um bar pequeno e aconchegante pessoas envolvidas em um clima quase caseiro, uma banda de blues tocando em uma excelente sintonia. Talvez o estilo de música que mais lhe cabia no momento, uma guitarra com sutil distorção e seu dono com a sensibilidade suficiente de extrair notas quase cristalinas que choravam em cada bend. Ficou ali até não resistir à

curiosidade de saber quanto custaria a entrada, e era salgado demais para quem havia saído com doze reais em moedas nos bolsos.

Continuando uns cinco metros, viu uma concentração de talvez cinquenta adolescentes, de grupos mistos – algo muito diferente da época dele, quando no mesmo local havia não mais do que dez bebendo cubas livres que cheiravam a detergente.

Alguns meninos usavam franjas penteadas para o lado quase cobrindo um dos olhos. Calças coladas, tênis com estampas xadrez, alguns deles não eram míopes e mesmo assim usavam óculos com aros grossos de variadas cores. Os meninos ficavam muito próximos uns dos outros, se abraçavam. As meninas, de cabelos roxos-verdes-azuis, beijavam-se entre si aparentemente sem vergonha e medo algum. Era um grupo peculiar, que andava sempre de cabeça baixa, fumavam e não tragavam, bebiam como pássaros nos copos coloridos que portavam.

Havia poucos garotos de cabelos até a cintura. Não tantos como nos anos noventa. Agora as camisas pretas que antes eram estampadas por caveiras com suas órbitas cheias de serpentes e bichos peçonhentos tinham outras mensagens menos subliminares. Eram estampas minimalistas, que remetiam a filmes de George Lucas e Coppola. Mesmo assim, entre eles, havia um Judas Priest, um Pantera e até um bom e velho Sepultura. Eram menos agressivos e beberrões do que antes, seus pais e talvez a saúde pública fossem bem sucedidos em afastá-los do cigarro e da bebida.

Sentado na calçada, havia um sujeito com sotaque baiano, de dreadlocks e camiseta do Jimi Hendrix, que fazia pulseiras e colares com uma habilidade impressionante, apenas com um alicate e um sorriso imóvel no rosto. Fez duas guitarras em fios de cobre para duas meninas de batas brancas em menos de um minuto. Ao lado dele, um menino de talvez quatorze anos, loiro e de olhos claros, de boné, calças largas, um skate embaixo do braço, fazendo rimas junto com outro menino negro com cabelo black power, que simulava as batidas na boca. O som das vozes todas foi abafado por um Uno que passava ao som de um funk carioca bem acima dos decibéis permitidos pela lei. A maioria dos garotos ali vaiou o carro, e um de seus ocupantes mandou um “veados” em alto e bom som.

Apenas o tempo de um cigarro fumado, Breno iria retornar. Tinha fome e resolveu eliminar suas moedas em um fast-food próximo. Entrando, um garçom de uniforme vermelho com botões negros entregou um cardápio plastificado. Sentou-se em um canto – duas mesas adiante havia uma moça de cabelos negros sozinha. Ela levantou-se com certa pressa para apanhar o cardápio das mãos de um dos garçons. Pelo jeito, devia estar grávida de 7, 8 meses. Talvez fosse a gravidez, mas havia algo mais. Se não fosse por ter ouvido sua voz ao celular, Breno para sempre ficaria na dúvida e não teria reconhecido Marina. Breno então ficou olhando para ela, de tanto em tanto, com discrição. Em alguns momentos ela passava a mão no cabelo, em outros bebericava o suco de laranja, olhava a rua, coçava a cabeça. Logo, todas essas mesmas ações eram repetidas aleatoriamente e a única coisa que realmente ia crescendo era uma espécie de agonia visivelmente percebida por leves tremores e o percutir dos dedos cada vez mais rápido na fôrmica.

Breno ficou até terminar o lanche, o que coincidiu com a primeira lágrima que desceu no rosto de Marina. Ele pagou a conta e saiu, tudo que sobrou foi uma moeda de um real.

Voltou pela Sinimbu pouco movimentada. Passou por uma Nissan que desembarcava uma travesti, o condutor sumido no escuro do carro. Caminhou até o calçadão mais devagar que o habitual, e decidiu andar assim até chegar em casa, para absorver e ver coisas que não havia percebido ainda na cidade em que nasceu e viveu

toda a vida. Para sua surpresa, não sentiu mais emoção nenhuma. Era o que procurava na breve jornada para poder deixar tudo pra trás, sem remorso.

Depois de uma noite de coincidências ou mentiras, entrou em casa exausto, e as malas ainda estavam abertas esperando por seus poucos pertences. Ficou observando-as um tempo. Com o cigarro na mão, o último nó de sua vida.

A luta seria conviver com aqueles tipos não muito familiares. Eles não jogavam escova em bares de esquina, daqueles repletos de pernas de salame penduradas. Não eram os colegas de humor simples e olhos sinceros, de amizade e companheirismo, com quem conviveu nas fábricas em seus poucos anos de trabalho frio, repetitivo e sem cor. Não eram jovens e cheios de vida que gritavam no espaço vazio de vidas sem rumos feitos. As pessoas que iria conhecer não iriam sorrir do mesmo modo e, quando o fizessem, seria com o canto da boca querendo dizer: “essa é sua melhor frase?”. Logo, percebeu que era mais um rompante de imaginação. Algo persecutório, sem sentido, consequência de uma vida de dúvidas e confabulações neuróticas que o mundo criava em suas próprias linhas, irregulares, borradas de suor das mãos, mas plenas de uma honestidade invejável. Pensou em continuar a trabalhar na fábrica, ficar na cidade, comprar uma casa, um terreno, casar, ter filhos, dores de cabeça, ressacas de desgosto, adivinhar a próxima camisa xadrez do Faustão, brigas pelo controle-remoto, lavar a calçada com o jato da mangueira, morrer de tédio no supermercado, depois olhar para uma esposa qualquer, definhar a dois por cada pensamento ou emoção interrompida na juventude.

Sua casa era em um ponto alto da cidade. Havia um lugar onde ele costumava escrever, um mezanino com grades baixas que era o andar superior da garagem. Ali quase não era notado por quem passava na avenida. Ao longe via a BR-166 que sempre foi uma paisagem tentadora. Era ali que colocava seus pensamentos em dia, onde tirava suas conclusões preceptadas, seus planos para dominar o mundo, de deixar de viver, de existir mais do que tudo. E naquela noite não pode resistir a um dos seus devaneios recorrentes, onde o poderia ter sido o dominava com riqueza de detalhes, sabia o nome dos seus filhos não nascidos, tinha as cores certas para a parede das sala e do quarto, e todas as vozes com quem conversava, discutia ou jurava amor eterno, eram na verdade a sua voz, afinal sabia que os seus defeitos e virtudes não se modificariam, mesmo que um passo errado o levasse a quilômetros de onde estava, para vidas cheias de horas longas e vozes arrastadas como era a sua agora quando imaginava o que deveria vir. Ana Lucia, Marina, Pâmela, nomes que seguiriam junto a outros ainda desconhecidos, que eram na verdade o seu trunfo sobre as outras pessoas, a de poder viver várias vidas em uma só.

Depois de definir o que levaria para São Paulo, passou o resto da noite sentado em uma cadeira de praia. Adormeceu e acordou muitas vezes na extensão da madrugada, misturava sonhos com a imagem das poucas janelas transbordantes de luz dos prédios ao longo da paisagem. E ficou lá até a manhã vir com raios tímidos de sol.

